

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VANESSA PRESTES POLESE

**NARRATIVAS DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO EM LAZER: GÊNERO E FUTSAL EM  
QUESTÃO**

PORTO ALEGRE  
2024

VANESSA PRESTES POLESE

**NARRATIVAS DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO EM LAZER: GÊNERO E FUTSAL EM  
QUESTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito final para  
obtenção do título de bacharela em  
Educação Física pela Escola de Educação  
Física, Fisioterapia e Dança da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul

Orientadora: Dra. Raquel da Silveira

PORTO ALEGRE

2024  
**AGRADECIMENTOS**

Acredito ser um pouco difícil começar os agradecimentos, penso que é um encerramento de ciclo, mas também demonstra que evoluímos. De certa forma, gostaria de agradecer primeiro por estar viva, dentro desse período, passamos por uma pandemia, onde ficamos trancafiados em casa, enquanto milhares de pessoas morriam. Depois, gostaria de agradecer à minha família, Vitor, Valéria, Dudu, vó Sirlei, vó Maria e as minhas dindas Karine e Guigui, pois sem eles, não conseguiria ter a oportunidade de me mudar para estudar em uma universidade pública. Em especial a minha namorada, Andressa pois participou de grande parte dessa minha segunda jornada dentro da universidade, me apoiou em todos os momentos e me ajudou em momentos difíceis.

Agradeço imensamente à professora Raquel, primeiro por ser um espelho para nós mulheres, mas por ter aceitado meu pedido para ela me orientar, na primeira vez antes da pandemia e agora na continuidade e conclusão do mesmo, e a todos os professores em que pude ter aula, e de alguns que não pude também, vocês ensinaram além do conhecimento, e de um conhecimento como um todo, muito obrigada. Agradeço a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas que a ESEFID me proporcionou, Pri, Camila, Gê, Moro, Tisca, Mari, Maely, Ursão, Dieguinho, Gi Pinheiro, Robertinho, além me proporcionar o conhecimento, o questionamento de situações em que não achamos o correto, mas principalmente da luta incansável de fazer o que é melhor para todos, sem pensar no nosso eu.

Agradeço também ter tido a oportunidade de jogar um esporte que eu amo, durante esse tempo na faculdade, e até poder representar o Estado e a Universidade, em jogos universitários. Lá dentro conheci mulheres muito fortes, em todos os sentidos, que fizeram com que o desejo de ser mulher e poder sim, estar em qualquer lugar que desejar, continuasse vivo, e aos homens que atuavam na comissão, obrigada por sempre acreditaram em nós. Jeff, Su, Gê, Jaque, Thais, Lê, Ian. Dentro dessa jornada esportiva, conheci a Clínica de Fisioterapia da UFRGS, em função de lesões, onde pude conhecer os fisioterapeutas e estudantes que ali estagiavam/trabalhavam, passei a notar o grau de importância desse trabalho e também de uma equipe multidisciplinar dentro dos esportes. Aos amigos que conheci durante a faculdade, Bicca, Mineiro e Ângela, no qual sempre ajudaram a ter meu tempo de lazer e estiveram presentes durante essa caminhada.

Agradeço imensamente a minha psicóloga Bárbara, que me ajudou nessa caminhada, fazendo com que eu pudesse me conhecer, enfrentar medos, sonhos e cada vez poder evoluir mais.

Agradeço também ao lugar em que atualmente trabalho, pois me deu uma experiência gigante na questão profissional, do mercado de trabalho, mas também me mostrou que é possível fazer com que o estudo e o trabalho nunca se desconecte, onde temos que nos atualizar sempre. Eles me deram a oportunidade de realizar cursos específicos, para que meu conhecimento naquela área, se expandisse, conheci pessoas sensacionais, Bruno, Jé, Verinha, Ju e Rafa, principalmente.

Agradeço todos aqueles que passaram de alguma forma na minha vida, ficaria aqui horas e horas escrevendo nomes, lembrarei sempre de todos vocês. Espero que eu tenha marcado vocês, da mesma maneira em que vocês de alguma forma me marcaram.

VANESSA PRESTES POLESE

Conceito final:

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

---

Orientadora – Prof. Dra. Raquel da Silveira

## RESUMO

Este trabalho trata sobre os atravessamentos de gênero, durante a prática como professora e árbitra, dentro das aulas de futsal realizadas em um Parque Municipal da cidade de Porto Alegre-RS. Durante a história do futebol de mulheres, sempre houve barreiras para elas se inserirem e permanecerem dentro do esporte, a partir desses atravessamentos faço reflexões do porquê ser mulher e estar dentro desse esporte que é um tanto quanto excludente e/ou dificultado, pelo fato de ser mulher e estar associado a características como, fragilidade e leveza. Dentro do futsal, podemos observar as diferenças de tratamento entre árbitros homens e mulheres, podendo assim fazer reflexões do quanto esses tipos de questões possam estar internalizados na nossa sociedade como um todo, e atravessam questões, que são geradas dentro do contexto escolar desde muito cedo. Para isso, realizei uma pesquisa narrativa, com o objetivo de problematizar o fato de ser mulher, e atuar em um esporte que é atravessado por questões de gênero, entendendo e considerando também, fatores extrínsecos que colaboram para que a mulher não seja reconhecida como autoridade e legitimidade dentro de espaços masculinizados. Conclui-se que existe uma dificuldade em diversos fatores, onde as mulheres que atuam acabam sendo influenciadas por questões que estão inseridas dentro da sociedade, e que muitas vezes acabam sendo julgadas e criticadas pelo fato de serem mulheres e não pela qualidade e por questões técnicas. Isto é advindo de questões que demonstram como a sociedade pensava sobre o papel da mulher e que ainda temos que lutar para que a mulher tenha o seu espaço reconhecido em qualquer lugar.

**Palavras-chave:** atuação profissional; mulheres; gênero; futsal.

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	8
REFERENCIAL TEÓRICO .....	12
OBJETIVO.....	26
METODOLOGIA .....	27
RESULTADOS .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

## INTRODUÇÃO

Recentemente fiz, um dos Estágio Curricular Obrigatório do curso de Educação Física, no qual auxiliei e acompanhei aulas de futsal para crianças/adolescentes de 09 a 16 anos de idade. Contextualizando um pouco minha trajetória no futsal, jogo desde os meus 5 anos de idade, a partir dessa idade fiz escolinha de futsal, naquela época não tinha mais nenhuma menina jogando na escolinha, e até mesmo em outros times nos quais enfrentávamos. Treinei na escolinha até os 11/12 anos, onde por opção dos meus pais, acabei saindo em função dos meninos que eram meus colegas estavam entrando na puberdade, e eles ficaram com medo de que eu pudesse me machucar, e até mesmo ser taxada como homossexual por eu ser a única menina, apesar de a maioria dos colegas me respeitar. Após essa “proibição”, comecei a jogar vôlei na escolinha do colégio, onde joguei mais ou menos durante 3 anos, principalmente, por não ter times de futsal de mulheres para jogar. Aos 13 anos, recebi um convite para treinar futsal com mulheres, mas que eram adultas, meus pais tiveram receio inicialmente porque eu era a menina mais nova e vinha o medo novamente que eu pudesse me machucar, mas depois viram que as mulheres que jogavam não entravam em contato físico comigo, e tinham o cuidado para não me machucar. Depois de um ano treinando com elas, joguei meu primeiro campeonato adulto, com 13/14 anos, nesse ano jogamos contra times da cidade e de fora, fomos à final, no qual perdemos para um time profissional que disputava o campeonato estadual também, lá era uma preparação para o ano. Depois do jogo, o treinador do time campeão me convidou para treinar com o time deles, que era de Caxias do Sul-RS, eles conversaram com meus pais, e por minha insistência, comecei a treinar nesse time. Fiquei um ano treinando nesse time de Caxias do Sul, mas não pude disputar nenhum campeonato mais importante por conta da idade, somente com 15 anos consegui disputar os campeonatos da região, mas não pude disputar o campeonato estadual de futsal, pois era permitido atletas a partir dos 16 anos.

Concomitante com o futsal, estava junto a escola, onde os professores de Educação Física sempre me inspiraram e me fizeram a começar a gostar da Educação Física, e ao chegar no ensino médio já tinha escolhido a Educação Física como escolha para o vestibular. A partir do segundo ano do ensino médio, as tarefas e preocupações se voltaram mais para o vestibular, e acabei deixando de treinar no time de Caxias. Durante esse período em que deixei de treinar, acabei entrando no projeto que tinha na cidade, Segundo Tempo, como estava mais velha, as professoras que davam as aulas, foram



conversando comigo como funcionava as questões de aula, até porque eu era uma das mais velhas, então auxiliava e principalmente ajudava na questão de jogo, para oportunizar o jogo coletivo. Ao ter contato e um pouco de conhecimento do projeto, as professoras, sempre tinham em pauta a questão coletiva, de respeito independente da modalidade e habilidade de cada aluno, elas passavam atividades diferentes do que habitualmente estávamos acostumados, nesse momento tive certeza de que queria fazer Educação Física como curso superior para a minha formação.

Ao realizar o vestibular em 2012, passei para o segundo semestre na UFRGS. Me mudei para Porto Alegre-RS para estudar, ao chegar na faculdade em pouco tempo conheço os colegas e estudantes, descubro que existia um time de futsal de mulheres universitário. Conversei com o técnico (aluno que graduação que ganha uma bolsa para estar a frente e ter a experiências de um time universitário), fiz a peneira, passei e comecei a treinar no time e logo de depois, junto com o time passei a treinar em um time “profissional” de Gravataí-RS, para disputar o campeonato estadual de futsal, o mesmo que não pude disputar anteriormente por conta da idade. Disputamos o estadual e fomos campeãs. Ao ganharmos o estadual, tínhamos a oportunidade de ir representar o estado no campeonato brasileiro (Taça Brasil), mas não fomos, pois não tínhamos patrocinador e não tínhamos condições de pagar de forma pessoal. Em 2013, ainda treinando nos dois times, o time do estadual conseguiu um patrocinador em Canoas-RS, e fomos jogar lá, ganhamos novamente o estadual e de novo não tivemos patrocínio para disputar o campeonato brasileiro. Durante esse tempo, tive uma lesão séria no joelho, no qual optei por não jogar mais o campeonato estadual e me focar na faculdade e no time universitário. Durante o tempo em que joguei pelo futsal universitário, ganhamos o campeonato estadual universitário (JUG’S) em 2014, disputando com um time universitário em que disputava o campeonato estadual adulto de mulheres. Ao ganharmos, fomos para o campeonato universitário brasileiro (JUB’S), onde jogamos e ficamos em quarto lugar. Gosto de lembrar que a maioria dessas equipes são de faculdades/universidades pagas, onde eles dão bolsas para atletas profissionais para jogarem e estudarem pela instituição, nós da universidade pública, não temos bolsa e nem muito apoio, com o passar dos anos esse apoio passou a ser quase que inexistente. Com a falta de apoio crescente, optei em parar de jogar, até em função da lesão no joelho, me dediquei aos anos finais de faculdade e ao trabalho de conclusão de curso em 2021, onde já tinha a ideia de falar sobre as dificuldades de jogar futsal sendo mulher, em função da pandemia e de entrar no mercado de trabalho com metas de conseguir me

profissionalizar e ganhar mais conhecimento na área em que eu comecei a atuar. Desta forma, não conseguiria conciliar as duas coisas e deixei o TCC para mais adiante.

Assim, veio a pandemia no mesmo ano, e o trabalho ficou mais distante até mesmo porque, neste tempo o currículo do curso mudou e eu teria que realizar mais 2 estágios obrigatórios. Nesse tempo, entre a decisão de parar de jogar e focar no trabalho, atuei como árbitra em amistosos e campeonatos de escolinha (onde dava aulas em escolinhas), em campeonatos universitários (entre atléticas), e através da experiência e conhecimento que tinha é que fui aprendendo, em conjunto com o aprendizado das cadeiras da faculdade. Na época em que eu fazia a parte da licenciatura, dei aula durante 2 anos em uma escola estadual na cidade de Porto Alegre-RS, no projeto PIBID, onde dávamos aulas de educação física, principalmente futsal, para as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, que, em conjunto com todas essas vivências, me facilitaram fazer a arbitragem e muitas vezes ajudavam como um extra para minha renda mensal.

Pós pandemia, realizei os dois estágios obrigatórios restantes, o primeiro em um clube particular da cidade de Porto Alegre-RS, onde ministrei aulas de futsal (escolinha) para crianças de 4 a 12 anos, de classe média-alta. E no semestre seguinte, fiz o estágio obrigatório em um Parque Municipal da cidade de Porto Alegre-RS. Nesse estágio acompanhei diversas atividades, mas em especial acompanhei aulas de futsal, para alunos de comunidade (9 a 16 anos). A partir das minhas experiências dentro do futsal, foram muitas as vezes que enquanto eu jogava, ouvi palavras e frases (pai de um jogador do time adversário em um campeonato: “tu vai deixar uma menina passar por ti?”; durante um campeonato: jogadores de outros times: “ela é menina, ela pode jogar com a gente?”; durante jogos fora da escolinha com os mesmos colegas, um deles fala: não vou te escolher porque tu é mulher, eu perguntei “e isso quer dizer o que?”, e ele respondeu: “Porque tu é mais fraca”, ao ouvir isso, o menino que falou jogava na mesma posição que eu, mas eu era titular, então respondi: se tu é tão bom mesmo, porque tu é meu reserva?; em algumas jantas com amigos do meu pai, em que ele e eu dizíamos que eu jogava a pergunta era sempre a mesma: “se tu sabe jogar bola, o que é impedimento?”, essas situações em que diziam algo a respeito de eu ser mulher e estar em um esporte predominantemente do gênero masculino, e nada sobre minhas habilidades técnicas do esporte.

Após acontecimentos que ocorreram nesse último estágio, escolhi desenvolver uma narrativa que realizei durante o Estágio Curricular Obrigatório com jovens praticantes de futsal, para problematizar o fato de ser mulher e atuar em um esporte que é

atravessado por questões de gênero. Fatos que durante toda a minha trajetória dentro do esporte estiveram presentes, tanto na questão enquanto atleta quanto na questão de arbitragem. Esses fatos são questões relacionadas ao julgamento da opção sexual, onde possui a generalização de dizer que as mulheres que jogam são homossexuais, que elas vão se vestir e apresentar aparências e maneiras consideradas masculinas; comparações constantes com o gênero masculino; comparação entre decisões feitas principalmente pela arbitragem e até mesmo, falas e atitudes de que a mulher não possui o conhecimento suficiente para arbitrar um jogo. Também com relação aos espaços em que as crianças são inseridas no esporte, a não realização de questionamentos e reflexões diárias, para fazer com que a comunidade consiga estar em um local público mas demonstrando respeito com todos que estão ali, independente das pessoas e de suas diferenças, mostrando respeito e igualdade entre os gêneros. E principalmente, quando a mulher possui algum cargo que demande uma autoridade maior, onde ela é questionada e, também, julgada ao errar por ser mulher e não pela questão técnica. Fatos esses que deveriam ser discutidos e debatidos em lugares como a escola e em lugares em que possuem a realização de atividades de lazer para a comunidade, para assim, criarmos uma sociedade que respeite e debata as diferenças de uma forma civilizada, sem prejudicar e ofender ninguém.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, falaremos um pouco sobre a história do futebol de mulheres, onde fatores da sociedade, principalmente relacionados à questões de gênero, atravessam e influenciam e o desenvolvimento do futebol de mulheres até hoje. Discutiremos o papel que o professor tem ao realizar uma aula de um esporte em que existe atravessamento de gênero, para fazer com que existam momentos de reflexão e debate em relação a assuntos importantes de serem trazidos e de como existem dificuldades para mulheres que escolhem a arbitragem para atuar. Falaremos também, sobre o espaço em que atuei no estágio, que é um parque municipal, no qual aprendi sobre como funciona o gerenciamento dos espaços e de sua manutenção como um todo.

### História do futebol de mulheres

O futebol de mulheres, desde seu início apresenta luta por igualdade em diversos sentidos. Desde quando o futebol/futsal começou a se dissipar no Brasil, as mulheres não eram bem-vistas dentro desse espaço, por ser considerado um esporte predominantemente masculino. Diversas pessoas falavam, inclusive um dos médicos da época (1940), disse e chegou a mandar uma carta para o então atual Presidente Getúlio Vargas, na qual considerava o futebol para mulheres uma calamidade, pois elas corriam risco de destruírem sua saúde, e ainda a saúde dos futuros filhos delas e conseqüentemente para o futuro do Brasil (Goellner, 2021).

Depois de algum tempo, o presidente da época aprovou o Decreto-Lei nº 3.199, onde as mulheres estavam proibidas de praticar esportes que não condiziam com a sua natureza. Elas ficaram proibidas de jogar entre 1941 até 1979, ano que essa proibição foi revogada. Apesar de serem proibidas durante esse período, as mulheres nunca de fato pararam de jogar, inclusive faziam reivindicações para que pudessem ter a liberdade de jogar, principalmente campeonatos, jogos competitivos e não somente como exibição.

A partir de 1979, quando foi permitido às mulheres a praticarem o futebol/futsal, houve um aumento do número de praticantes. Porém, não foi tão adepto entre as mulheres por toda a resistência e fatores que influenciavam a difusão do esporte naquela época, assim como alguns desses fatores que continuam até hoje, pois junto com essa liberdade o esporte foi e ainda é masculinizado, dessa forma, as mulheres acabaram e acabam ainda sofrendo diversos preconceitos tanto na questão profissional, mas até mesmo na questão pessoal. Onde elas tinham e tem suas características físicas julgadas,

seja com um elogio de comentaristas sobre a aparência a até mesmo para gritos da torcida durante os jogos. E no âmbito esportivo, diminuída pelo fato de serem mulheres, até mesmo dentro de campo, tinham suas vidas e escolhas particulares expostas em muitos momentos. Além da questão de preconceito, pois o futebol de mulheres era visto como um ambiente de mulheres homossexuais, com estilos majoritariamente masculinos, fazendo com que houvesse um preconceito das pessoas que iam assistir, mas até mesmo entre as jogadoras (muitas mulheres não queriam jogar, para não serem confundidas com mulheres lésbicas). Pisani (2012), entrevistou algumas jogadoras de um time de futebol, que comentaram os fatos acima citados:

Thaís: Eu acho que tem muito preconceito no futebol feminino. No Brasil, tem muito preconceito, eles acham que é só um esporte masculino. E eu não tiro a razão deles, porque se você vai ver em um time pode ver muita menina com cabelo curto. Mariane: Aqui no time não tem nenhuma. Thaís: É que o futebol está ficando feminino. Mariane: Feminino como? Thaís: Você não vê muitas meninas de cabelo curtinho, tem uma ou outra. Eu falei em relação a essa coisa de homossexualidade do futebol feminino, de acharem que é um futebol masculino. Entende? Como um patrocinador vai colocar uma menina na propaganda pro futebol feminino com o cabelo curtinho?! Mariane: Homossexualidade que você fala é pelo fato de eles acharem que a menina que tem cabelo curto e joga futebol é homossexual? Thaís: Isso! Que patrocinador vai querer essa imagem? Muitas pessoas julgam isso, mas não é isso. Você que vai conviver com a gente vai ver como nós somos vaidosas. Arruma, alisa o cabelo, as meninas se pintam na hora de sair. É uma pessoa normal. Nós somos muito vaidosas, mas ninguém vê isso. Então eu acho que esse preconceito de que o futebol é masculino nos deixa muito para baixo, entende? Então ninguém vai querer patrocinar, ninguém quer fazer nada por nós (PISANI, 2012, p. 87).

Em 2007, Hirota e Ventura já relatavam que dentro da sociedade, a mulher era vista em um papel de coadjuvante e não de referência e ainda ressaltam à dificuldade que as mulheres enfrentavam e enfrentam para praticar o esporte. Ainda falam sobre as discriminações entre os sexos no futebol brasileiro:

“Isso porque um fator que pode tornar o futebol feminino menos atraente, tanto para os espectadores, quanto às meninas que repudiam ou até mesmo se interessam pelo esporte, mas que têm medo e dificuldade de lidar com os estereótipos, é a constante associação que se faz das atletas ao lesbianismo, seja por ser um esporte que representa o ideal masculino, seja pela vestimenta, que contrariamente a outros esportes, em que o marketing esportivo tem se preocupado com a confecção de roupas cada vez mais justas e curtas que valorizem os atributos estéticos das atletas como atrativo à modalidade, são roupas largas, unidas aos meios e às chuteiras, idênticos ao uniforme masculino, como também pelo comportamento, composição corporal e gestos físicos às vezes masculinizados das atletas (VENTURA e HIROTA, 2007).”

Somente em 1983, o CND (Conselho Nacional de Desportos) liberou à prática esportiva para as mulheres. Mas com diferenças físicas como o tamanho do campo, tempo de jogo, peso da bola, inclusive o uso de “protetores para os seios e as chuteiras não poderão ter travas pontiagudas” deveriam ser seguidas de acordo com a FIFA. Além

disso, a bola ‘matada’ no peito seria considerado falta (Goellner, 2021). Mesmo com essas mudanças, o esporte começou a se difundir no Brasil, existem registros de campeonatos de futebol de mulheres em diversos estados brasileiros, mas competições internacionais foram realizadas somente em 1988.

Desde então o futebol de mulheres do Brasil, passou a participar das competições internacionais (I Copa do Mundo de Futebol Feminino), porém o resultado não foi o esperado e também não foi bem recebido pelo presidente da CBF, que ameaçou a extinguir as competições do país, pois segundo ele o baixo rendimento desestimula o investimento financeiro na categoria (Goellner, 2021). A partir desse momento, o futebol de mulheres brasileiro foi crescendo nas competições e em 1999, o Brasil ganhou a medalha de bronze na Copa do Mundo em 1999, assim como a jogadora Sisleide Lima do Amor (Sissi) foi eleita a artilheira da competição.

O início dos anos 2000, foi marcado por um grande ciclo de conquistas (mesmo não sendo o título, medalha de ouro) em praticamente todas as competições internacionais como a figura mostra abaixo. Além disso, existe o Copa do Mundo de Futebol Feminino, na qual não aparece no quadro. Onde o Brasil participou 8 vezes, sendo a primeira participação em 1991 e obteve seu melhor resultado o vice-campeonato em 2007.

([https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o\\_Brasileira\\_de\\_Futebol\\_Feminino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol_Feminino) acesso em 14/11/2023).

#### Títulos

Continentais			
	Competição	Vezes	Ano
	Copa América Feminina	8	1991★, 1995★, 1998★, 2003★, 2010★, 2014, 2018 e 2022★
Eventos multiesportivos			
	Competição	Vezes	Ano
	Jogos Olímpicos	2	2004 e 2008
	Jogos Pan-Americanos	3	2003★, 2007★ e 2015★
		1	2011
	Jogos Sul-Americanos	1	2014
	Universiada de Verão	3	2001, 2005 e 2017
		3	2007, 2011 e 2013
	Jogos Mundiais Militares	3	2011, 2015 e 2018★
		2	2011 e 2019

Ape  
sar  
de  
tant  
as  
con  
quis  
tas,  
o  
fute

#### Legenda

★ Campeão invicto

bol de mulheres parecia não conseguir ter reconhecimento. Muitas das jogadoras falam, faziam cartazes durante suas conquistas, que o Brasil deveria continuar investindo e profissionalizar ainda mais a categoria.

O início dos anos 2000 foi marcado por um ciclo vitorioso(...). Parecia que estávamos vivendo uma nova era do futebol de mulheres e que essas conquistas propulsionariam sua estruturação e profissionalização. No entanto, pouco se avançou nessa direção e o descontentamento com a condução da modalidade foi expresso publicamente por algumas jogadoras. Algumas jogadoras relataram o descaso e a falta de estrutura da modalidade em nosso país: “Alimentação inadequada durante a competição, falta de amistosos, pouca transparência em relação à definição de premiação, demora no pagamento do prêmio pela conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro e o futuro da modalidade foram alguns dos temas abordados (Goellner, 2021, p.6).”

Em 2005, Sissi falou o seguinte: “A gente vem batendo na tecla com relação ao Brasil desde quando jogava na seleção brasileira e sempre falavam: ‘Vão acontecer mudanças’. Mas elas nunca saíram do papel, ficaram só nas promessas. Assim, até entendo que fica difícil para as meninas que estão nessa nova geração acreditarem, porque elas também estão vivenciando isso e as promessas são quase as mesmas de uns anos atrás de quando a gente estava (Goellner, 2021, p.7)”.

“Indignadas pela demissão precoce de Emily Lima, a primeira mulher a comandar a seleção principal, oito atletas e ex-atletas assinaram o documento conclamando a CBF a ampliar a participação de mulheres não apenas como atletas, mas também nos cargos técnicos e de gestão”(Goellner, 2021, p. 8).

Depois de todos esses apelos e lutas, as mulheres foram ganhando mais voz e espaço. Com o passar dos anos, o futebol de mulheres foi se solidificando e combinado a grandes reflexões, pôs em discussão a questão de gênero em todos os setores, assim como a inserção das mulheres em diversas áreas, mais profundamente em esportes que são considerados masculinos (podendo ser como jogadora, até mesmo da comissão técnica).

Em meados de 2019, a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol), tornou obrigatório a existência de um time de mulheres para os clubes como nos relata Goellner (2021, p. 08):

Determinante para a alteração desse cenário foi a deliberação da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) para o licenciamento de clubes, na qual obriga que “a partir de 2019, os clubes que não tiverem um time de mulheres disputando competições nacionais não poderão participar de campeonatos sul-americanos de futebol de homens”.

Essa questão em que tornava obrigatório o time de mulheres, caso os clubes quisessem participar das competições consideradas importantes (Copa Sul-Americana e Copa Libertadores) causou no início, muita contradição entre os clubes, dirigentes,

jogadores, mas que com o passar do tempo foi demonstrando que o futebol de mulheres só precisava de um incentivo maior.

Apesar de todo esse avanço com o futebol de mulheres, existe uma parte que ainda é difícil de ser trabalhada e discutida. Por mais que já vemos muitas mulheres sendo reconhecidas como jogadoras (com todos os seus direitos e sem tanta discriminação de forma pessoal), pouco se vê mulheres em cargos da comissão técnica, assumindo o cargo de técnica de times de futebol de mulheres, e também vemos pouca representatividade na função de arbitragem. Lima, Mélo e Macedo (2022) fala que, a arbitragem é uma das funções que mais se percebe uma maior resistência, especialmente porque exerce uma função de comando e atributos de masculinidade definidos como: capacidade de liderança, poder de decisão e firmeza. Nascimento e Nunes (2014), lembram a partir de 1980, a mulher só podia exercer a função de anotadora e cronometrista, pois era negado o direito de arbitrar uma partida oficial, essa condição só foi alterada em 1997.

Goellner (2014), fala que apesar dessa liberação ocorrer, somente em 2003, na 1ª Taça Brasil de Clubes Feminina categoria sub-20, 9 mulheres atuaram na arbitragem são elas: Alane Jussara da Silva Lucena; Maria Jaqueline Cammarota; Ana Lúcia Martins de Castro. Somente em 2007, a FIFA cria o quadro feminino.

Além das funções relatadas acima, atualmente existem poucas mulheres na função de árbitra oficial de uma partida, principalmente no Brasil. No Rio Grande do Sul, atualmente existe somente uma árbitra oficial no quadro de arbitragem, no Brasil existem mais (Hartmann, 2023).

Apesar de já ter avanços na questão da arbitragem, muito se vê ainda a desvalorização da profissional árbitra por ser mulher. Isso é um fator que ocorre desde cedo, desde o primeiro momento em que elas passam a conduzir uma partida. São diversos olhares, como se quem estivesse na posição de árbitro não pudesse errar, mas as mulheres para “mostrar” seu valor, teria que errar muito menos (Hartmann, 2023). Essa questão sobre a arbitragem de mulheres, sempre foi muito discutida entre os dirigentes e entre os espectadores. Em grande parte das vezes, o erro da árbitra era pelo fato dela ser mulher e não pela dificuldade da situação em questão, ou por não ter todo um preparo e auxílio possível durante os jogos.

Essas questões de ressaltar, o fato ou erro, onde a justificativa que ocorre na realidade pela arbitragem ser de uma mulher, vem do desenvolvimento da sociedade



brasileira que são marcadas pelo preconceito, e pela desvalorização da mulher como um todo (Lima; Mélo; Macedo, 2022).

Todas as informações que foram descritas acima, servem para refletir e ter um olhar como docente. Desde os anos iniciais, as crianças já possuem uma separação de gênero nas aulas de Educação Física, reforçando mais a ideia do masculino (forte, viril) e do feminino (delicadeza, graciosidade). Dentro das aulas de EFi na escola, o futebol, (Furlan; Santos, 2008, p.6) tem representação que é o esporte mais masculino de todos os esportes. Porém muitas vezes, os meninos acabam não deixando meninas jogarem, por sentirem uma dada masculinidade ameaçada, por medo de serem vencidos, em algum momento por meninas que são definidas como mais frágeis e sem tantas habilidades. (Lima; Mélo; Macedo, 2022, p.7).

A escola passa a ser uma reprodução da sociedade como um todo. Essa questão de ver a mulher como algo frágil, que não possui valências físicas e até mesmo, técnicas e táticas, para realizar um determinado esporte, principalmente os que são masculinizados devem ser conversados e debatidos dentro da escola e fora dela também. Altmann (1998), fala que separar os meninos das meninas nas aulas de Educação Física, já é estabelecer uma divisão entre os gêneros. Aprofundando um pouco mais sobre essa questão, a autora diz que é gerar uma diferenciação de gênero em um contexto que não é necessário, pois a escola deveria ser um local que inclui e problematiza situações ocorridas e sofridas por diferentes alunos.

Sobretudo, cabe também ao professor que está nesse contexto intervir, e fazer uma reflexão entre os alunos e para si sobre o ocorrido. O intervir passa também ao professor, realizar atividades que não são excludentes, ou até mesmo, fazer adaptações em esportes que são considerados masculinos, para quem não se sintam tão confortável jogar e experienciar os esportes/atividades que não são sua preferência. E desta forma, penso que em lugares públicos, que estão ali para realizar atividades de lazer e sociabilização entre os participantes, são ótimos lugares para gerarem essas experiências e também o respeito pela outra pessoa que está ali.

Dornelles (2009), fala que tudo isso acaba ocorrendo porque existe uma divisão do espaço na escola, onde meninos fazem aulas separados das meninas. A autora ainda fala que:

Nos dois livros dos PCNs destinados a essa área – da 1ª a 4ª série (BRASIL, 1997) e da 5ª a 8ª série (BRASIL, 1998a) -, assim como no livro destinado aos Temas Transversais (BRASIL, 1998b) há sim, indicações de que as aulas de educação física aconteçam de forma mista, buscando-se com esse recurso trabalhar

questões de gênero e educar para o respeito às diferenças e para a desconstrução de preconceitos como enfatiza o excerto abaixo:  
[...] as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias (BRASIL, 1997, p.30 e 1998a, p.42).

(Dornelles, 2009, p.144)

Ela ainda nos traz, o porque muitos professores utilizavam essa separação nas escolas, mas também traz outra versão, em que os professores justificam a separação pela questão de habilidades entre as crianças, descrito abaixo:

Silvana Goellner e Alex Fraga (2004) sinalizam que a separação de meninos e meninas, nos momentos destinados aos exercícios físicos na escola, se dava em função de objetivos sociais diferenciados para esses sujeitos, para esses corpos, a partir de “proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher” (Dornelles,2009, p.145).

As justificativas das aulas separadas são: a diferença de habilidade entre meninos e meninas (localizando as meninas como inferiores aos meninos, segundo o autor); maior facilidade para trabalhar conteúdos marcados pelo confronto e pelo contato pessoal e que sejam próprios do universo feminino ou masculino (Dornelles, 2009, p.148).

A autora levanta uma questão importante, na qual penso que sempre deveríamos fazer, até mesmo ao planejar e realizar uma aula:

Os alunos e alunas de uma mesma escola têm histórias de vida, condições socioeconômicas, experiências motoras, acervo cultural e interesses distintos, portanto, há uma diversidade de modos de ser menino e menina que não pode ser reduzida às diferenças biológicas entre gêneros (Dornelles, 2009, p.148).

Além disso existem pontos negativos dessa separação, não somente na questão física, mas na questão pessoal também e em questão de comportamento social. Dornelles (2009) fala que, em um estudo em que viu a percepção dos docentes sobre turmas mistas e separadas, cita como ponto negativo a falta de integração e o aumento da rivalidade entre meninos e meninas. A autora nós traz, dois autores que discorrem sobre outras implicações que essa separação pode trazer.

Já Mauro Louzada (2006) e Cátia Duarte (2003) atribuem, como aspecto negativo da separação, as impossibilidades com relação às discussões, problematizações e questões de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na educação física escolar. Isto é, de acordo com este autor, há “(...) menor incidência de questões de gênero. Num grupo de mesmo sexo não ocorre discriminação de gênero” (Dornelles, 2009, p.149).

Como vimos acima, o contexto para o futebol de mulheres nunca foi fácil, sempre de muita luta em todos os setores. Desde o início o futebol de mulheres, não foi aceito em diversas áreas e contextos, muito por se tratar de algo que vai além de questões práticas,

o esporte atravessa questões de gênero, onde a sociedade vê a mulher como um ser mais frágil, e atribui valores de delicadeza, causando estranhamento quando mulheres começaram ter interesse e a praticar esse tipo de esporte, que era e é considerado masculino e de muito contato físico. Se era algo estranho de ver, ao verem mulheres jogando, o que podemos dizer na questão de arbitragem, é sempre uma questão complicada pois ainda vivemos em uma sociedade em que vê a mulher como uma pessoa muitas vezes incapaz de estar na frente de uma partida. Apesar dessas dificuldades, a mulher nunca demonstrou desistir, mas sim de enfrentar e começar a conquistar um espaço que também pode ser dela, em que ela possa ser julgada pela qualidade técnica, e não pelas questões pessoais, de beleza e estética.

O futebol na escola se insere nisso, pois desde os anos iniciais, existe uma separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física, no qual Dornelles (2009) nos mostra que existem diversas potencialidades para aulas mistas, inclusive é uma ótima maneira de fazer reflexões sobre gênero, e de como lidar e aceitar as diferenças entre as crianças e seu desenvolvimento. Inserindo essas questões, durante a prática realizada em um lugar municipal, podemos analisar que dentro deste espaço se inserem muitas práticas e vivências diferentes, que podem influenciar a maneira de se portar nesse espaço. Por isso, é necessário dentro deste espaço, existir momentos de reflexão e de abertura a todo tipo de situação que possa ocorrer dentro das aulas.

Os Parques, suas demandas e organização

## SERVIÇO DE LAZER NOS PARQUES

A partir de 1924 até 1928, na gestão de Octávio Rocha, é implementado uma série de obras de grande impacto na organização espacial da cidade. Essas modificações eram pautadas pelos seguintes princípios: melhoria nas condições de tráfego, saneamento e o embelezamento. Então, a criação de praças de recreação tinha um duplo viés: de saneamento e embelezamento (Forell, 2014). Ainda nessa administração, o autor fala que houve a modernização do espaço urbano e a possibilidade de integração das camadas mais populares aos valores e sociabilidade na sociedade, que anteriormente, eram vinculadas principalmente à burguesia.

Outro acontecimento importante que o autor nos traz, é que ainda no governo de Octávio, houve a criação de Políticas Públicas voltadas à recreação nos parques públicos da cidade. Um dos grandes responsáveis por essa elaboração foi Frederico Gaelzer Neto,

onde ele elaborou um plano de recreação, defendendo o aumento de horas livres, proporcionado pela mecanização, deveria ser utilizada nas práticas da recreação (Forell, 2014). Além disso, fala que Gaelzer aponta que as comunidades se organizem em “Conselhos” para dialogar com o governo e entidades privadas para a manutenção das práticas de recreação nos espaços públicos.

Na década de 1970, criam-se os centros de comunidade, onde a professora Rosane Molina (2004) realiza reflexões dos processos participação em 4 momentos:

O Projeto Centro de Comunidade foi sustentado por três diferentes ideários: o esportivismo mundial e nacional (período 1969-1974), as proposições da educação física popular e a pedagogia do lazer (período 1975-1977). Depois de 1977, há uma ausência de proposta teórico-metodológica até o ano de 1992, quando há um esforço por parte dos gestores municipais no reordenamento institucional, sem sucesso evidente. De 1992 até os 4 primeiros meses de 1995, época em que me dediquei ao trabalho de campo, interpretando as próprias narrativas dos atores colaboradores, foi um período em que, cada um, isoladamente ou de forma coletiva, trabalhou com bases teóricas construídas na própria experiência. Conforme as palavras dos entrevistados: desde 1977, entre os heróis e corporativos, nós “os educadores” vamos sobrevivendo como podemos (Molina, 2004, p.16).

Conforme a observação da professora, podemos ver que durante vários anos e gestões, a atividade de esporte e lazer não era muito utilizada, ao mesmo tempo, parecia que a questão esporte e lazer para a comunidade, não era prioridade. Isso ocorria também por que a população não tinha uma voz participativa, ou se participava, não era com tanto peso, o que a população falava era muito pouco escutado, até mesmo em função dos anos anteriores em que nada era feito. Santos, constata que esses lugares de esporte e lazer, ofereciam aulas predominantemente esportivas.

Em 1989, a SERP (Supervisão de Esportes e Recreação Pública), segundo os dados do “Relatório de Atividades de 1989”, desenvolvia predominantemente atividades esportivas como futebol, futsal, voleibol, basquete e atletismo, contando ainda com grupos de ginástica e dança.

As Unidades Recreativas tinham por objetivo prioritário o atendimento da população aos finais de semana para atividades de lazer, disputa de torneios e campeonatos esportivos, principalmente futebol. Durante a semana, existiam poucas atividades com a população (Santos, 2003).

Além desse modelo de atividades, os professores não tinham nenhum material pedagógico para auxiliar na condução das aulas, como a professora Molina (2004) disse anteriormente e Santos (2003), faz a mesma afirmação entrevistando outra professora, que ao entrar em contato com o diretor do órgão da gestão anterior, relata:

[...] Ele me disse como era o trabalho, que se concentrava no final de semana e, dentro desse trabalho, a gente conversava com a comunidade, emprestava material e tinha um campeonato de futebol [...]. Tinha também um grupo de senhoras que faziam ginástica à tarde e nós desenvolvíamos recreação aos finais de semana. Tinham (sic) alguns grupos que jogavam voleibol, mas não era uma

política [...], não tinha acompanhamento pedagógico, não tinha planejamento (Santos 2003, p.70).

Em função dessa falta de acompanhamento e planejamento das Unidades, muitas vezes esses esportes eram ensinados pelos professores de forma mais voltada para o alto rendimento, ou mais conhecidas como “escolinhas”.

Em 1989, quando a Frente Popular (FP) assumiu a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a questão política estava muito em pauta, o grupo tinha propostas de mudanças na relação entre o Estado e a sociedade civil, que tinha como fator principal a democratização do acesso e poder de decisão na definição de prioridades de investimentos dos recursos públicos. A FP enfrentou um impasse interno no início da sua gestão, onde alguns grupos queriam que o governo municipal mudasse o foco da comunidade atendida, voltando-se estritamente para as camadas populares, enquanto outros grupos, defendiam estabelecer mecanismos de relação entre o Estado e a sociedade, criando espaços de participação na tomada de decisões para as camadas mais pobres da cidade, que anteriormente eram excluídas das decisões do governo. Essa visão sobre qual setor da comunidade seria beneficiado, entre em conflito também durante a gestão, como expõe Santos (2003):

No primeiro caso, a população “participava” de programas e projetos de esporte e lazer prontos, elaborados por órgãos governamentais que refletiam uma concepção técnico-administrativa presente em diversos períodos nas administrações públicas brasileiras. No segundo caso, o eixo de formulação e implementação de políticas públicas de esporte e de lazer desloca-se da posição centralizadora do Estado para uma posição de caráter participativo, no qual a população encontra espaços para discussão e intervenção nas decisões governamentais (Santos, 2003, p.68).

Após anos de aumento no incentivo, aos esportes e ao lazer, em 2016, durante a gestão do Marchezan, o governo apresentou uma proposta em que teria uma redução de 50% das secretarias, entre elas a SME (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer). A proposta foi aceita e a SME acabaria extinguida em 2017. A secretaria foi retomada somente no governo do Melo, em 2021, com uma nomeação diferente Secretaria Municipal de Esporte, Recreação, Lazer e Juventude (SMELJ). Teve como proposta, uma centralização do ensino, de forma pedagógica e também na questão das decisões, pois o fator da comunidade não era tão escutado novamente. Assim como, esses fatos ditos anteriormente, houve também uma grande diminuição nas unidades em que realizavam atividades para a comunidade.

## O PARQUE ARARIGBÓIA

O Parque Ararigbóia, se localiza na cidade de Porto Alegre-RS, no bairro Jardim Botânico. Está localizado mais ou menos na região central da cidade e atualmente quem administra o espaço é a Secretária Municipal de Esporte, Recreação, Lazer e Juventude, é um espaço amplo que ocupa um quarteirão e é arborizado. O parque conta com um ginásio poliesportivo, dentro do ginásio tem duas salas na parte de cima (uma usada para aulas coletivas como alongamento e ginástica chinesa, e a outra é usada como musculação). Uma quadra externa sem cobertura e de cimento (a comunidade pode usar, mas são realizadas aulas de caminhada e eventos do município, quando o tempo está bom), assim como também um campo de futebol, uma quadra de areia (recentemente reformada), uma quadra de bocha (sei da existência, pois os alunos e funcionários comentavam de vez em quando sobre ela) e um espaço rodeado por grades, onde pessoas que moram perto levam seus cachorros

A gestão do Parque, se divide em três partes. A primeira, é a gestão do Parque onde está ligada à SMELJ, a segunda é a Associação do Parque, formada por pessoas da comunidade com o intuito de ajudar a manter os equipamentos e pequenas reformas do Parque. A terceira, a qual surge durante o governo do Melo, é a Secretaria Municipal de Parcerias, ela passa a ser responsável também por, formular, planejar, coordenar, articular e monitorar as iniciativas e projetos à concretização de parcerias entre o Município e agentes externos, que acontecessem a partir do adotante do campo e da prefeita da Praça (<https://prefeitura.poa.br/smp>). Forell (2014), explica em uma tabela, o que ainda a antiga a SME e a Associação do Parque tinham de responsabilidades.

Tabela 3 - Atuação da coordenação e da associação na gestão do parque

Tipo de processo	Coordenação do Parque	Associação do Parque
Questões didáticas	Responsável	Não participa
Questões de gestão do pessoal	Responsável	Não participa
Questões de manutenção cotidiana (corte de grama, troca de lâmpadas, etc)	Responsável, com capacidade limitada de ação.	Corresponsável
Questões estruturais pequenas e esporádicas (furo na cerca, compra de material, compra de ar condicionado, etc.)	Corresponsável	Corresponsável e financiador
Questões estruturais de grande porte (reforma do sistema elétrico, construção de benfeitorias)	Participa apenas debatendo os assuntos e encaminhando pedidos para SME.	Possui papel de protagonismo reivindicatório
Promoção de eventos	Corresponsável	Corresponsável

Fonte: Forell 2014, p.97

Apesar da tabela nos mostrar que, principalmente as questões de manutenção cotidiana são de responsabilidade da prefeitura, na prática muitas das vezes não é isso que acontece. Como nos descreve Forell (2014):

Não é possível dizer que o material necessário para a manutenção seja fornecido pela prefeitura. Não foram poucas as vezes que vi o coordenador do Parque pedindo para a associação a compra de combustível para a máquina de cortar grama, ou compra de lâmpadas, ou material elétrico. Em outras situações, via uma senhora que fazia parte da associação trazer material de limpeza “mais cheirosinho” para o uso nas dependências do ginásio. O que fica destas situações é que, mesmo que isso seja de responsabilidade da prefeitura, as pessoas ligadas à associação tomam esse problema como seu:

Ao falar com o presidente da associação sobre os investimentos da associação no parque, ele fez a seguinte fala: “O parque é do povo e se nós, que somos representantes do povo eleitos para comandar a associação, não fizemos nada ao nosso bel prazer e da boa vontade da prefeitura sempre teremos um parque sucateado. É nossa obrigação contribuir, essa é única forma de afastar a drogadição, a violência, o vandalismo, quem se prejudica se o parque ficar jogado e feio não é o secretário dos esportes, quem se prejudica somos nós. Logo por mais que a prefeitura estivesse que estar fazendo muito coisa que não faz, é obrigação também nossa mantermos um parque bom para a nossa família e para nossa comunidade” (Diário de campo, 10/10/2012).

(Forell, 2014, p.100)

Com relação as questões estruturais pequenas e esporádicas, tanto a prefeitura quanto a associação são responsáveis. Forell (2014) relata, ainda que apesar de dividida essa responsabilidade, a associação acaba tendo uma atuação maior, principalmente pelo fato de que, o processo burocrático dentro da prefeitura é lento. Mesmo assim, a coordenação do parque e a associação procuram achar maneiras mais econômicas para realizar as manutenções, com um bom serviço de qualidade de materiais e mão de obra. Já as outras questões estruturais de grande porte, a associação não tem como participar muito, porque o orçamento não é muito grande, o que a associação faz nesses casos, é ser participativa em reuniões e pautas que o Parque entraria. O autor fez alguns entrevistas com algumas pessoas que frequentam o Parque, que nos relatam:

- Falei com a coordenadora responsável na época que queríamos um lugar melhor para ter aula de ginástica, que o velho galpão não era satisfatório e ela me disse que o 'canal' naquele governo era fazer parte do Orçamento Participativo. Foi então que mobilizamos a comunidade e começamos a ir em muitas reuniões, às vezes noites frias de inverno, e foi aí que conseguimos uma negociação aprovar a construção do nosso ginásio (Entrevista com dirigente da associação 2).
- Os homens não iam, eram poucos mas o nosso grupo de terceira idade que se dedicou e que foi nas reuniões, brigou e conseguiu o ginásio através do Orçamento participativo (Entrevista com usuária do parque 2). (Forell, 2014 p.101-102).

Já nas questões estruturais de grande porte, a Coordenação do Parque consegue realizar o debate para ver se essas estruturas precisam de manutenção ou até mesmo uma nova construção caso necessário, e a associação tem como um objetivo, participar de reuniões e falar sobre a necessidade do investimento naquela estrutura para o bem da comunidade daquele local. E na promoção de eventos, ambas são responsáveis.

Em 2011, houve uma grande questão com a energia elétrica, onde teve uma pane generalizada no parque inteiro, durante um fórum de políticas públicas promovida pela associação, como nos relata Forell (2014).

No dia 19 de novembro de 2011, ocorreu um fórum de políticas públicas promovido pela associação, que teve um grande problema uma pane generalizada no sistema elétrico do Parque. Naquela situação, foi feito contato com a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), que providenciou uma ligação de emergencial. Essa ligação ficou como permanente durante todo o ano de 2012, sendo que havia restrições com relação ao uso dos refletores do campo de futebol. Além disso, qualquer evento que necessitasse de uma carga elétrica maior, sempre se fazia a ponderação sobre a capacidade, daquela rede precária, de conseguir dar conta sem causar outro problema generalizado (Forell, 2014, p. 102).

Em função desse acontecimento, a população que utilizava o Parque, tinha impedimentos para utilizá-lo como um todo. Nisso entra, a participação da comunidade e da associação, onde em articulações políticas, conseguiu uma emenda popular para



realizar o serviço, que foi feito no primeiro semestre de 2013. Em entrevista com uma usuária do parque naquele ano e que fez parte da conversa sobre a reforma da rede elétrica, relata:

Em conversa com uma usuária que havia conversado na audiência pública em 2012, na Câmara de vereadores, perguntei sobre o fato da reforma do sistema elétrico ter sido feita, e ela disse: “Nós tivemos que ir lá na Câmara de vereadores, falar que investir no parque é investir em qualidade de vida e saúde, cada centavo que colocam aqui economizam muito na saúde. A saúde da terceira idade é um problema e a ginástica é a solução. Mas isso só aconteceu porque a gente foi lá, se fosse em outro parque onde as pessoas não participam nada teria acontecido” (Forell, 2014, p.102-103).

E por último e não menos importante, a questão sobre a divulgação e execução de eventos, algumas vezes é promovido pela SMELJ e outras vezes pela associação, muitas vezes ambas em conjunto, ainda mais agora no atual governo em que existe à Secretaria Municipal de Parcerias, como dito anteriormente.

## **OBJETIVO**

Problematizar e discutir sobre a atuação das mulheres dentro de um esporte masculinizado, o futsal.

## METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uma revisão narrativa. Conforme os autores (Aguiar; Ferreira, 2021, p.5), “Assim como outras abordagens de pesquisa qualitativa, a narrativa não tem compromisso com realização de estudos replicáveis ou desenvolvidos a partir de modelos. Buscando coerência com os princípios que são próprios do movimento de narrar, assumimos que não há uma única verdade a ser testada ou comprovada”. E vão além:

O trabalho com narrativas permite o acesso a um tipo de conhecimento que não está presente nos modelos gerais das ciências modernas. Numa ciência generalizante, a exceção é excluída. No Paradigma Indiciário, a exceção, o singular, o individual são necessários para o conhecimento (Aguiar; Ferreira, 2021, p.9).

Dentro do artigo, os autores falam sobre a pesquisa narrativa e de acordo com Connelly e Clandinin (1995):

Tem como prática fundamentada na experiência dos indivíduos, ressignificada pela narração de histórias vividas, compreendemos que este modo de investigação se fundamenta na busca por referenciais que valorizam as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis (Aguiar; Ferreira, 2021, p.14).

Creswell (2014), fala sobre a investigação narrativa:

Como método ela começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos”. O autor elaborou um conjunto de características dos estudos narrativos, dos quais destacamos: os pesquisadores elaboram histórias sobre os indivíduos por meio da interação com os mesmos; as narrativas reúnem-se por meio de várias coletas de dados – entrevistas, observações, documentos, imagens –, o que, no caso de formação docente, pode incluir os relatórios de estágio, os artigos escritos e as entrevistas com professores formadores; essas histórias se passam em lugares e situações que, são bem específicas, em predominância o ambiente de formação docente [...] (Creswell, 2014, p.799).

Os autores Aguiar e Ferreira (2021), também falam que a pesquisa narrativa tem como compromisso a transparência e humanização do lugar de investigador. E ainda comentam, que em função desse transparência e humanização, possuem outros fatores que influenciam durante as práticas e aproximam as pessoas que estão ali presentes no mesmo ambiente:

As vivências coletivas, desenvolvidas a partir de preposições das professoras-participantes, mobilizaram outros saberes que não estavam previstos no início da proposta da pesquisa, de caráter formativo, dotado de amplo potencial estético. Por mais que eu soubesse que devia acolher e registrar o que se produzia ali, tive o desejo de direcionar as ações, como quem diz: “ei, não é para demorar tanto

nesse registro, parem de fazer isso e vamos para o que interessa”. Mas não disse, felizmente. Acolhi as interações que aconteciam e em pouco tempo o grupo demonstrava envolvimento, cumplicidade e disponibilidade para realizar as propostas de trabalho com a inteireza que dele esperávamos. Aprendi.

(Ferreira, 2014, p.33)

Reforçam também, que essa narrativa do professor e a realidade no qual ele se insere, fazem com que ele consiga olhar para acontecimentos imediatos presentes, fazendo-o refletir e considerar todo o contexto para e de sua formação. Ainda falam que a narrativa, é uma forma potente de mobilizar sentimentos, dúvidas e processos reflexivos diferentes vividos momentaneamente na ação. As autoras Reisdoefer e Rosário Lima (2021), falam que a formação profissional é composta por um conjunto de atividades cuja finalidade é a aquisição de conhecimentos e saberes acerca das exigências para o exercício de uma atividade profissional. Elas relatam um ponto importante, onde diz que é característica da pesquisa narrativa não somente a superação dos formalismos, mas também o foco nas subjetividades do contexto e dos sujeitos estudados. Além dessa característica, as autoras continuam, e dizem que a narrativa tem a característica de permitir ao pesquisador observar, ouvir e registrar as experiências dos sujeitos a partir de suas próprias.

Aguiar e Ferreira (2021), entram em acordo com Reisdoefer e Rosário Lima quando falam:

A narrativa se afirma como alternativa potente em pesquisa quando objetiva investigar o entrecruzamento de culturas e práticas, de modo a deixar transparecer como os sistemas teóricos dialogam com os saberes cotidianos. Também ao evidenciar as memórias e histórias que nos constituem e potencializam os processos de formação e produção de conhecimento (Aguiar; Ferreira, 2021, p.4).

Além das questões em que a experiência e vivência do professor, fazem com que ele reflita sobre as questões que envolvem todo o contexto em que ele está inserido. Existem outras, a que falarei agora é sobre a importância das experiências com a população que ali está inserida. A autora Oliveira, discorre um fator em que não pode deixar de ser relevado, principalmente durante a atuação como professor:

Em uma sociedade que alguns estão caracterizando como a do “esquecimento”, é importante a reconstrução de experiências pretéritas não com o sentido de reinventá-las e nem ficar aprisionado a estas, mas basicamente propiciar processos de reflexão individual e também coletiva que possibilitem novas criações, novas produções individuais e sociais (Oliveira, 2003, p.222).

Por tudo que foi citado e discorrido acima, escolhi a revisão narrativa para embasar minha pesquisa, que tem como objetivo desenvolver uma narrativa durante o Estágio

Obrigatório em Lazer e Cultura relacionado ao futsal e problematizar fatos, que atravessaram minha trajetória dentro deste espaço, principalmente pelo fato de ser mulher e atuar em um esporte que possui grandes questões de gênero ligadas a ele.

O Estágio Obrigatório em Lazer e Cultura, foi realizado no Parque Ararigbóia, onde realizei as aulas de alongamento, caminhada, ginástica e futsal. Nesse trabalho irei me deter às aulas de futsal que eram realizadas nas terças e quintas das 13:30 até às 17h. Dentro desse horário, existiam duas turmas, a primeira que ia até mais ou menos 15h, com alunos de 9 até 11/12 anos; e a segunda, a partir das 15:30 até 17h, com alunos dos 13 até 17 anos. Eu chegava 13h, para esperar o professor para ver o que iria ser realizado na aula e ajudá-lo com o material. O professor reunia a turma na lateral da quadra, onde tinham bancos, ali todos dias esperava o silêncio dos alunos, até mesmo porque antes do início das aulas, os alunos levavam suas bolas e ficavam jogando. Após a espera do silêncio, o professor fazia a chamada e realizava uma pequena conversa, alguns dias sobre o campeonato municipal que eles estavam jogando e em outros, sobre como foi o campeonato (jogado geralmente no final de semana), e falava também sobre o que faziam na aula. Durante a aula, eu auxiliava o professor nas atividades, ele dividia a turma em duas (10 a 15 alunos para cada lado) e eu realizava a mesma atividade que ele estava fazendo do outro lado. Após a aula, ajudava a guardar os materiais, voltava para a secretaria e ia embora. Em alguns momentos conversamos rapidamente sobre as turmas, e raramente tive a oportunidade de pensar e realizar atividades. Apesar dessa não abertura para a realização das atividades, sempre busquei auxiliar nas atividades e ajudar os alunos para entender o jogo como um todo. Além de, fazer registros que chamo de diário de campo, onde descrevia o que tinha sido feito na aula, alguns momentos e pontos que achei necessário naquele dia, pois seria importante observar mesmo estando dentro, como o Parque e as situações em que ocorrem durante as aulas.

## RESULTADOS

### NARRATIVA

No meu primeiro dia, observando as aulas de futsal chego no horário determinado, enquanto espero o professor, o pessoal da secretaria (administradores, outros professores e estagiários que estavam atuando no Parque) vamos conversando. O professor chega um pouco em cima do horário, me apresento e falo que vou auxiliar nas aulas de futsal, ele rapidamente pergunta qual é minha área de atuação, respondo que trabalho com funcional, mas que minha segurança é o futsal. Ele parece meio desconfiado, mas diretamente fala que eu só vou observar e ajudá-lo durante as aulas, que em nenhum momento eu daria uma aula, talvez em algum dia daria alguma atividade, mas que eu estaria ali para auxiliá-lo durante as aulas. No momento seguinte, vamos para a quadra e ele inicia todo o processo relatado acima para o início da aula, nesse primeiro momento ele me apresenta para a primeira turma (turma A) e eu também. Ao iniciar a aula, nesse primeiro dia fiquei mais em observação da aula, pois não tinha nenhum contato com a turma e vice-versa. Ao realizar 2 ou 3 atividades, o professor chega ao meu lado e pergunta se eu sei apitar, respondo que sim, que já apitei campeonatos e jogos, falei que seria tranquilo., ele me disse então que eu apitaria, pois ele tinha que dar atenção para os alunos que estavam fora e resolver algumas coisas com a secretaria. Quando começo a apitar, a primeira turma (alguns alunos, principalmente os que já tinham um domínio de algumas habilidades) começam a se irritar e xingar uns aos outros, e em certo momento, a falar que eu não sabia apitar. Nesse momento parei o jogo, disse que não era para xingar os colegas, principalmente quem estava no mesmo time e disse que se quisessem que eu apitasse como se fosse um campeonato, eu apitaria e marcaria como se fosse um jogo profissional (faltas, reversão de bola, tempo para cobrança). Ao voltar para o jogo, os alunos me respeitaram mais e começaram a jogar bola. Apitei durante uns 15 minutos, o professor retornou, terminou o jogo e reuniu a turma para conversar, falou sobre a questão de reclamação e dispensou a turma. Entre os 15 minutos de intervalo, entre uma aula e outra, pude perceber o quanto iria ser desafiador estar dentro das aulas de futsal, e já comecei a pensar, o porque que as atitudes dos alunos foram daquela maneira.

Após o período de intervalo entre as duas turmas, a segunda (turma B) é a que eu tinha um receio maior, principalmente porque a idade dos alunos é maior, que variava de 13 a 17 anos, e por questão de respeito, de eu ser a única mulher dentro daquele espaço

naquele momento. Como foi na turma A, o professor me apresentou para os alunos e disse que eles estavam nos jogos finais do campeonato municipal, então teriam treinos mais específicos com atividades e sistemas de jogos pré definidos (2x2 e 3x1), perguntou se eu sabia desses sistemas para poder ajudá-lo na aula, respondi que sim e então ele retornou para as atividades com os alunos. No início por ser alunos mais velhos, eles demoram mais para se concentrar e pensar no que deveria ser feito, demoravam uns 3 minutos para pararem com as brincadeiras. O professor após o aquecimento, fez basicamente as mesmas atividades da turma anterior, realizou uma movimentação de jogo, na qual ao vê-la percebi que tinham muitas das movimentações e até mesmo questões de regra, que influenciariam no jogo e nas ações que estavam ultrapassadas, no sentido em que atualmente, muito das questões de sistema de jogo, e até mesmo da função e atuação dos jogadores é bem diferente do que era a um tempo atrás.

Apesar de não concordar com algumas coisas que estavam sendo passadas, não tinha tido a abertura para perguntar e até mesmo poder falar abertamente com ele, sobre a visão de quem jogou a pouco tempo atrás em competições estaduais e nacionais, então acabei não comentando nada. Que nesse contexto, se adiciona na questão de eu estar em um processo de formação no curso, e ter contato com coisas que são mais atuais. Com o tempo, fui percebendo que poderia sim ser pelo fato de eu ser mulher, estar inserida em um espaço que sou a única mulher e sou nova, o que às vezes a questão de idade também está neste contexto.

Voltando para a aula, o professor passou a atividade de movimentação e depois fez o mesmo esquema, olhou para mim e disse para apitar. Até o momento estava tudo tranquilo, ele separou os times, e ficou conversando com os alunos que estavam fora. O jogo começou e os alunos começaram a ser mais ríspidos fisicamente entre eles, nisso fui apitando de maneira mais firme, mas não demorou muito para os xingamentos iniciarem entre eles (os alunos mais velhos, começaram a xingar os mais novos que estavam no mesmo time). Eu já tinha parado o jogo duas vezes, o professor parou novamente quando percebeu que os alunos estavam ultrapassando os limites, nesse momento o professor foi conversar com um desses alunos que estava xingando os outros, e o menino simplesmente ficou virando as costas enquanto o professor falava. Nisso comecei a ver, quem eram os alunos que poderiam ser mais difíceis de lidar ao decorrer do estágio. O jogo retornou, mas em questão de minutos, os xingamentos voltaram e logo depois, o mesmo menino que ignorou o professor, ficou muito irritado com um colega de equipe e

começou a xingá-lo de uma forma muito exagerada, nisso parei rapidamente e disse que não era pra xingar o colega assim, e que se continuasse sairia do jogo. Nesse momento, percebo que ele olhou para mim, como quem não gostou de ser confrontado, alguns lances depois, esse aluno está com a bola e tromba com um adversário, se desequilibra quando encosta na bola e vai trombando em outros adversários, mas acaba no chão. Como o contato entre eles, foi na bola e o que desequilibrou ele foi a bola e não o adversário, disse que não foi falta e o jogo seguiu. Quando o menino levantou, começou a me xingar, dizendo que eu não sabia apitar, nesse momento parei o jogo e mandei ele sair da quadra, pois estava faltando com respeito principalmente com os colegas, por xingar os colegas de treino ainda mais do próprio time e por faltar respeito comigo. Nesse momento ele olha pra mim e fala: “não tenho que te respeitar, tu não é minha mãe”, olhei firmemente para ele e disse que enquanto eu estivesse ali dentro da quadra acompanhada do professor, ele teria que me respeitar sim. Nisso o professor, que estava do lado de fora reúne todos, e diz que esses tipos de situações não podem ocorrer (tanto a falta de respeito com nós professores, me incluindo também, mas entre eles mesmo), dito isso, ele mandou seguir o jogo e disse que ia lá conversar com o aluno.

Os alunos que ficaram na aula e no jogo, não sabiam muito o que fazer, mas senti que de certa forma eles viram que eu tinha um posicionamento firme e não me intimidaria por qualquer coisa, ficaram tranquilos jogando sem xingamentos e sem entradas mais ríspidas. Entendi um pouco mais da questão dessas entradas mais fortes e os xingamentos, no decorrer do estágio pois, mais ou menos duas semanas depois entrou um outro estagiário obrigatório, onde ele acompanharia somente a turma B. No primeiro dia dele, o professor fez as mesmas coisas que fez quando eu iniciei, e botou ele apitar, nesse dia disse para o estagiário que não apitaria o jogo final, pois tinha ajudado na turma A, que é a com maior número e tinha ajudado o professor na parte inicial da turma B.

Nesse momento, fiquei sentada em um dos bancos ao lado da quadra, e comecei a observar que desde o início do jogo enquanto o estagiário novo (homem e árbitro de futebol da federação, está apitando categorias de base) apitava, os alunos estavam jogando sem violência, sem xingamentos e também sem pressioná-lo para decidir algo de imediato, muitas vezes ele deixava eles decidirem entre si, sobre o que aconteceu no lance. A partir daí, acabei percebendo a diferenciação por uma questão de gênero, principalmente dos alunos em relação aos professores.



Apesar do ocorrido, estava tranquila apesar de chateada que tinha acontecido essa situação, mas também nenhum pouco surpresa por isso acontecer. Como eu já joguei, presenciei isso muitas vezes até hoje, e sei como tenho que me portar e qual é o meu direito. Após o término da aula, o professor foi conversar comigo, perguntar se estava tudo bem, falar que eu estava certa e ele estava do meu lado para qualquer coisa que precisasse, mas também falou um pouco do processo dos alunos, quando entram para as aulas.

Falou que a maioria dos alunos vem de vilas carentes próximas, onde não possuem uma estrutura familiar, que convivem com a violência, drogas, abandono dos estudos, dentro da estrutura familiar eles presenciam a violência, onde ele falou que era o caso do aluno em que respondeu e desrespeitou a mim e aos colegas, disse também que ele era o filho mais velho então tinha a responsabilidade com os irmãos mais novos, mas que esse aluno em específico, sempre tinha dado problemas, o professor frisava que tínhamos que entender a realidade deles. Com o passar do estágio, pude perceber que o entender a realidade deles, era no sentido de entender que os alunos iam ser desrespeitosos, preconceituosos e violentos dentro das aulas, em função do ambiente em que vivem e isso era considerado normal, sem existir um debate ou até mesmo, um limite das brincadeiras e ações que ocorriam ali dentro das aulas.

De certa forma, concordo com o professor no momento em que ele fala que devemos entender qual é a realidade dos alunos ali presentes, mas também entendo que muitas vezes não podemos deixar que essa realidade em que eles vivem, entre para dentro do esporte, que não possui característica de violência, principalmente com o companheiro, adversário e arbitragem. Sobre o processo de formação que o estágio obrigatório nos proporciona, de imediato após o ocorrido e a reunião semanal da orientadora do estágio, a mesma se mostrou totalmente familiarizada com esse tipo de situação, disse que no semestre anterior já tinha ocorrido algo parecido nesse mesmo local, e se demonstrou aberta caso eu precisasse de um amparo maior. Depois dessa conversa, notei que precisava fazer relatos mais específicos, do que ocorria na aula, pois teria 3 a 4 meses para acompanhá-los nas atividades, no qual denominei de Diário de Campo. Eram anotações, que fazia após cada aula, onde falava sobre as atividades realizadas, se eu tinha dado alguma atividade e também escrevia pontos mais específicos em que analisava com um olhar de professora.

Sobre o processo durante o estágio obrigatório, ocorreram vários acontecimentos e situações, em que fizera eu vivenciar uma parte crítica relacionada ao fato de ser mulher e estar em um esporte masculinizado, mas, ao mesmo tempo, de considerar que existem fatores externos, que podem fazer com que os alunos tenham uma certa atitude, de desrespeito com alguém que é uma autoridade naquele momento. Em certas situações, não concordava muitas vezes com o que era falado e passado, assim como certos momentos em que via o tamanho da diferença de gênero dentro do esporte e dentro até mesmo no contexto das aulas, situações na qual descreverei e me questionarei mais para frente.

## DIÁLOGOS A PARTIR DA NARRATIVA

### Sobre o futsal: questões pedagógicas e de gênero

Com o intuito de perceber fatos que ocorreram durante as aulas e da minha inserção em um espaço novo, foi por causa dessas experiências e das experiências vindas do esporte praticado, visei entender quais eram os fatores que influenciavam o comportamento e convivência dos alunos, entre eles e com nós, professores, em especial às mulheres. Tentei entender melhor o contexto em que esses alunos estão inseridos, e a me questionar sobre fatores que influenciam no processo de formação. Essas experiências fazem, com que a professora acabe tendo um outro olhar, para cada situação. A primeira situação que tive, é em relação à questão de não ter uma abertura para realizar atividades e ter uma autonomia maior durante as aulas, para os alunos também começarem a ter uma confiança maior em quem estivesse dando aula.

No meu primeiro dia, observando as aulas de futsal. Ao me apresentar para o professor, o mesmo disse que eu não daria nenhuma parte da aula, pois estavam nas finais do campeonato municipal, então teriam que treinar coisas mais específicas. Depois de falar que não poderia realizar uma parte do treino, o professor perguntou qual era minha área de atuação, disse que era o futsal, mas ele não acreditou muito. Resolvi não falar sobre a minha experiência como jogadora, pois estava em um contexto em que gostaria de ser reconhecida pelo fato de ser professora, e não por ter jogado bola. Ao que pareceu, ser uma mulher com interesse na área do futsal, não é algo habitual, teria que demonstrar o quanto eu sabia (Diário de campo 28/06/2023).

A professora não ter uma liberdade para desenvolver as atividades, como se a capacidade dela fosse menor e como se ela tivesse que demonstrar que ela realmente tem domínio sobre o esporte, são comuns de acontecer. Como Hartmann (2023) fala, as mulheres têm que errar menos, principalmente ao apitar. Isso também pode ser pensado,

pois como Nascimento e Nunes (2014) relataram, somente em 1997 foi permitido às mulheres a arbitragem, antes elas só podiam ser da mesa (cronometrista e anotadora), por isso, não é tão frequente ver uma mulher apitando atualmente, mas também entra em conflito com o jeito que a sociedade vê a mulher. Por exemplo, até 1997 a mulher não era considerada apta a visualizar situações de jogo, até mesmo porque o futsal sempre foi visto como esporte de contato e força, algo não relacionado às mulheres. Sobre a pergunta do professor, se eu sabia apitar, penso que vai muito do encontro com que os autores acima falaram, às vezes isso é perguntado para ver se a pessoa/mulher tem o domínio das regras e sabe aplicá-la durante uma partida.

No primeiro fato, acredito que o mais importa e ainda que corrobora com as descrições acima, aconteceu no meu primeiro dia, onde ao apitar fui questionada e de certa forma, intimidada pelos alunos com relação ao meu conhecimento das regras do jogo. A seguir descrevo o fato:

No primeiro dia, ao chegar no Parque, me apresentei para o professor responsável pelo futsal. Ele me olhou e se apresentou também, e já disse que não daria nenhuma parte da aula sozinha, pois estavam nas fases finais do campeonato municipal. Respondi para ele que sem problema, estava ali para ajudar, então ele me perguntou qual minha área de atuação, onde falei que era o futsal. Ele pareceu me olhar com uma cara de surpresa, falei que joguei e ainda jogava às vezes, mas que também apitava jogos no geral (algumas vezes universitário e outras vezes jogos para crianças, variando de 7 a 12 anos). Nesse momento, o professor disse que precisaria de ajuda para apitar, pois ele não sabia muito das regras. Me dispus sem problemas. Ao iniciar a aula, o professor realiza 2 a 3 atividades, contando a primeira como aquecimento, e por último um exercício de movimentação em forma de oito. Após isso, ele me bota para apitar o jogo da primeira turma. Quando começou o jogo as crianças estavam jogando bem, de forma participativa e coletiva. Após o primeiro jogo, o time que estava de fora era o time titular daquela categoria, que disputaria uma vaga na final do campeonato municipal, que seria realizado no final de semana. O jogo começou, mas a equipe principal começou a querer se aparecer e fazer jogadas sem o objetivo do gol, ao perceber isso o professor interviu e pediu para eles jogarem sério. Nesse momento, a equipe começou a jogar bem, mas nesse momento estava realizando entradas fortes nos colegas, em muitos momentos marcava falta, a partir disso, a equipe não gostou das faltas marcadas por mim, e então começaram a se falar para mim o que deveria marcar ou não. Nesse momento parei o jogo, e falei para um dos que estava mais exaltado, que em questão de apito, podia deixar que eu apitava, ele me olhou em tom de deboche e disse: “aham, sei”, a bola saiu pela lateral eu parei a bola, olhei para todos os meninos e disse: se vocês querem reclamar como se fosse um jogo oficial, não tem problema nenhum, eu vou começar a apitar como se apita em um jogo, e então marcaria tudo que em um jogo oficial se marca, e não em um treino. Nisso, a próxima turma (dos maiores) já estava no ginásio, e estavam sentados atrás de mim, e já comecei a ouvir frases de como deveria apitar, o que era falta, mesmo que na brincadeira, mas já fiquei atenta para a próxima turma (Diário de campo 28/06/2023).

Então nesse primeiro dia de aula, já tive a primeira barreira como professora, dentro de uma aula de futsal, no qual as crianças tinham de 9 a 12 anos. Refleti um pouco sobre isso entre uma turma e outra, e percebi que tinha que mostrar que eu sabia das

regras, sabia do jogo, eu até poderia jogar, mas não queria fazer isso nesse primeiro momento principalmente por pensar, que mesmo que eu não soubesse jogar, estava ali como professora e eles teriam que ter o respeito comigo. As autoras (Furlan; Santos, 2008) ressaltam exatamente essa questão, a dificuldade das mulheres se inserirem e se afirmarem dentro desse esporte, justamente pela visão da sociedade ver a mulher como algo frágil, que não possui entendimento do jogo e que não possui habilidade o suficiente para jogar. E quando isso ocorre, a professora/mulher que joga e joga bem, acaba ganhando um respeito maior entre essas turmas.

Então, a aula com a próxima turma (B) ocorreu. O professor me apresentou e expliquei o que estava fazendo ali, onde estudava e que jogava futsal, onde joguei um tempo em um time profissional de futsal. Apesar de não ter comentado sobre isso na primeira turma, senti necessidade em ressaltar isso para a turma B, para a turma ter uma noção de que eu sabia jogar, existindo a possibilidade de jogar bem ou mal. Durante a parte inicial, como eles estavam nas fases finais do campeonato, estavam treinando saídas de bola, jogadas de falta e depois seria um jogo adaptado, conforme o professor tinha explicado no início da aula. Nas jogadas de falta, eu estava apitando, o professor corrigindo e falando com os jogadores, e percebi que o goleiro estava sem saber o que fazer, pedi para o professor esperar um pouco, e fui lá conversar com ele, ele me questionou sobre questões de movimentação, sobre como ajustar a barreira, etc. Expliquei cada coisa para ele, e falei também o que ele poderia fazer caso uma certa ação ocorresse. Percebi que nesse momento os alunos me olharam, e perceberam que eu realmente tinha experiência no futsal, mas também de certa forma já tinha conquistado a atenção e principalmente ajudado um dos alunos que estava interessado em aprender mais sobre o esporte. Apesar disso, o mesmo fato que ocorreu na turma anterior, durante o jogo final desse dia, foi a reclamação sobre faltas e decisões minhas como árbitra do jogo, até o momento em que um aluno teve uma atitude desrespeitosa, que descrevo a seguir:

No primeiro dia, agora falando sobre a turma B, aconteceu a minha apresentação para os alunos, na qual aconteceu de forma bem tranquila, alguns garotos foram bem respeitosos nesse primeiro contato. Após a apresentação, o treino começou, o professor deu uma atividade de aquecimento, uma atividade de movimentação em saída de bola e depois queriam treinar faltas e laterais ensaiadas. O professor pediu para eu apitar as faltas, enquanto ele instruía os alunos. Observei as movimentações, em partes discordava de como algumas jogadas estavam sendo pensadas, mas não tive abertura para expressar a minha visão. Depois do treino de jogadas ensaiadas, fomos para o jogo. Primeiro aconteceu um jogo, mas com adaptações, onde cada aluno poderia dar 3 toques na bola e por último aconteceu o jogo livre, sem adaptações. No jogo adaptado, alguns alunos estavam começando a ficar irritados com os colegas de equipe, e começou um leve

xingamento, nisso o professor parou e repreendeu os xingamentos. Logo em seguida, o jogo ficou livre, onde eram as regras normais sem adaptações. Ao começar o jogo, alguns alunos que já estavam mais irritados desde o jogo adaptado, não demorou muito para os xingamentos voltarem, nesse momento o professor não estava ali, eu como estava apitando fui conversando e tentando fazer com que os xingamentos parassem, após minha intervenção, os insultos pararam, mas as jogadas começaram a ficar mais fortes. Para evitar que algum aluno saísse machucado, comecei a apitar mais faltas, até o momento em que um dos alunos que já estava irritado, ao trombar com um adversário, tropeçou na bola e foi esbarrando em outros jogadores que estavam ao redor, e caiu, levantou pedindo falta, onde eu olhei para ele e disse que ele tropeçou na bola, o mesmo começou a reclamar de forma exagerada, dentro dessas reclamações ouvi que ele falou algo de mim. Nesse momento parei para explicar o que tinha ocorrido, sem nenhuma demora o aluno disse que eu não sabia apitar, que não deveria estar ali. Nesse momento parei, e desisti de explicar e disse para ele sair do jogo, ao ver que eu tinha mandado-o para fora do jogo, disparou: “tu não é minha mãe, não tenho que te respeitar. Nessa hora o professor e o estagiário novo estão chegando, pois estavam conversando ao lado da quadra. Ao ouvir, interrompi-o e falei que enquanto eu e o professor estivéssemos dentro da quadra ele teria que me respeitar sim, e que ele deveria sair da quadra porque naquele dia ele não jogaria mais. Ele saiu reclamando, e falei para ele que estava saindo por xingar os colegas de aula dele, em um treino, que era onde ele deveria ajudar e incentivar os colegas, e também ao faltar respeito comigo (Diário de campo 28/06/2024).

A atitude e as falas do aluno depois me fizeram refletir o porquê das falas para mim. Primeiramente, pelo fato de ser mulher e estar em um campo em que as mulheres não são reconhecidas como autoridades, como ressaltam Lima, Mélo e Macedo, (2022) e principalmente Hartmann (2023) quando fala que na questão de arbitragem, a mulher precisa demonstrar um valor maior e que possui conhecimento das regras, sendo que muitas vezes suas decisões serão questionadas pelo fato de ser mulher. Indo um pouco mais afundo como Lima, Mélo e Macedo (2022) relatam que toda essa dúvida em relação à capacidade da mulher atuar em uma função de maior autoridade, como a questão de arbitragem, vem do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Sobre ser questionada no esporte, por ser mulher, existe uma grande diferença entre um professor homem apitar e uma mulher. Logo no início do estágio, me deparo com essa questão, onde fez com que eu pudesse refletir um pouco mais, e então percebi a diferença de comportamento dos alunos, principalmente quando o estagiário novo (homem) apitou os jogos durante as aulas, na qual descrevo o momento a seguir:

Logo após o início do estágio, as aulas entrariam em férias em função do calendário escolar, antes do recesso de 2 semanas, chegou um novo estagiário, ele acompanharia a turma de futsal dos mais velhos, juntamente comigo. Após o retorno das aulas, a aula começa, o estagiário se apresenta, fala que está no estágio, e que apita os campeonatos das categorias de base do estado, no primeiro momento, os alunos já começam a falar entre si sobre o estagiário. Ao iniciar a aula, o professor dá as atividades, o estagiário novo ficou sentado no banco, falando que estava muito cansado de ter apitado no final de semana, e por ali continuou. Após as atividades serem realizadas, o professor vai para o jogo, no qual pede que o estagiário novo faça a arbitragem. Ele olha para mim e fala:

“vamos fazer o paulistão (ele fica em um lado, e eu fico no outro, apitando)”, disse para ele que já tinha dado aula desde às 9h, e pedi para ele apitar sozinho. Quando o jogo começa, os alunos não jogam com entradas ríspidas e xingamentos, eles jogam como se estivessem na praça, mesmo com o estagiário apitando, eles falavam quando batia em alguém, ou seja, eles mesmos que apitavam o jogo. Isso me fez refletir e me questionar, porque no momento em que o estagiário novo (homem) estava na posição de árbitro, eles não demonstraram a mesma questão de quando eu fui apitar, de xingamentos e entradas mais fortes e agressivas (Diário de campo 11/07/2023).

Os autores que citei anteriormente, apontam que situações descritas acima, mesmo que em diferentes épocas, nos reforçam que atualmente, ainda existe muito essa diferenciação dos professores. Mas como Lima, Mélo e Macedo (2022) falam, essa discriminação com as mulheres vem de um contexto ainda maior, vem do desenvolvimento da sociedade, em que via e ainda vê as mulheres como seres mais frágeis, que não podem fazer atividades consideradas masculinas. Refletindo um pouco desse desenvolvimento, e trazendo isso para o olhar como professora, podemos perceber que já durante o processo na escola, existe essa separação e diferenciação dos gêneros.

Altmann (1998), fala também que existe um receio dos meninos em deixarem as meninas jogarem, por muitas vezes terem medo de perder e sentir os atributos de masculinidade ameaçada. Por essa forma, percebo que a minha presença durante as aulas, poderia fazer com que os alunos/meninos quisessem demonstrar que são fortes, que não tem medo de nada, muitas vezes isso acaba ocorrendo para tentar impressionar a mulher que está ali, mas também para ressaltar que ele não é frágil. A autora fala ainda que durante o período escolar, já estabelece uma divisão entre os gêneros durante as aulas, facilitando essa desapropriação da mulher em esportes que são considerados supostamente masculinos, que na verdade deveria ocorrer o oposto, a escola e o parque, deveriam ser lugares em que inclui e em grande parte das vezes, problematiza situações, para que os colegas entendam que não existe preconceito nenhum em fazer qualquer tipo de atividades em que são consideradas masculinas ou femininas.

Acredito também que as meninas não se sentem confortáveis em ser uma das únicas a jogar ao lado dos meninos, existe também a questão de eles sentirem medo de perder, e de querer demonstrar ser mais forte, mas acredito que tem a ver com a questão da iniciação esportiva. Os meninos sempre foram “instigados” a realizarem esse tipo de esporte, ao contrário das mulheres, como Goellner (2021) fala da proibição das mulheres jogarem futebol/futsal por muito tempo. Isso, faz com que o desenvolvimento para esse tipo de jogo, não seja proporcionado na mesma maneira e até mesmo a quantidade de vezes em que meninos jogam bola durante a fase escolar e podemos dizer também, da

vida, a mais do que as meninas. Dessa forma, penso que é por isso que não podemos comparar principalmente questão de habilidade, visão de jogo e noção de ações dentro da quadra.

Como professora, penso que para instigar meninas a jogar futsal, é preciso fazer algumas adaptações para que elas possam ter tempo, e começar a entender o jogo em si, mas também trabalhar a questão de paciência e entendimento do resto da turma, para que todos possam se desenvolver no seu tempo. Uma situação durante as aulas, me fizeram refletir sobre essas questões que relatei acima, onde em algumas aulas durante o meu período de estágio no Parque, turmas de uma escola perto, iam para terem aulas de futsal junto com as crianças que estavam inscritas ali. Em uma dessas turmas, tinha uma menina que sempre queria jogar, mas não tinha um tênis adequado para jogar (o professor pediu doações, e pessoas deixam tênis velhos de futsal ali para quem não tiver, conseguir ter um tênis adequado para treinar, ao final do treino os alunos devolvem os tênis para o professor). Nas primeiras vezes ela não quis jogar, só ficou nos bancos ao lado da quadra, aos poucos fui conversando com ela, perguntando se ela queria jogar, onde ela queria jogar, tentava fazer com que um dos meninos fossem para o gol, quando este era revezado. Ela foi se sentindo a vontade, e jogou em alguns dias, comecei a dar dicas para ela, durante o jogo mesmo, mas não tinha como fazer muito mais que isso.

Para minha surpresa, um dia quando ia acontecer o jogo, a menina estava indo jogar, ela veio conversar comigo porque ela não estava muito a fim de jogar, aí falei quem sabe tu joga um pouco, que depois tu pode sair sem problemas, ela fez afirmativo com a cabeça. Mas ao chegar no meio da quadra o professor chega e conversa o seguinte:

Depois de falar comigo, a aluna vai falar para o professor que não está muito a fim de jogar, ele para um pouco, olha para ela e diz: “sem problemas, mas quem sabe tu fica o jogo no gol para os guris jogarem”, ela aceita o que o professor diz, fico observando sem saber o que fazer, mas também no que pensar. Pois ao meu ver, por mais que ela não quisesse muito jogar, só ela estando dentro que quadra quer dizer muita coisa. E aí pensei rapidamente, se nesse dia ao invés de fazer um jogo normal, pudesse fazer algum jogo adaptado onde a bola sempre teria que passar por ela antes de poder fazer um gol, seria uma das estratégias para fazer com que a menina quisesse continuar praticando o esporte (Diário de campo 08/08/2023).

Sobre essa questão, a autora Dornelles (2009) fala que uma das potencialidades das aulas mistas, faz com que se trabalhe questões de gênero e a educação para o respeito às diferenças e para a desconstrução de preconceitos. No qual, apesar de inicialmente isso modificar um pouco a aula, com o passar o tempo, aquele lugar vai se tornando um ambiente inclusivo e positivo na construção de experiências para os alunos ali presentes. Após a ação do professor em convidar a menina para ir no gol, e ela aceitar

e não querer jogar, nesse momento me pergunto, que ações que poderia fazer diferente para que a menina mantivesse a vontade de jogar na linha, para que ela conseguisse manter o desejo e a experiência de jogar cada vez mais.

Por último e não menos importante, durante toda a minha passagem pelo estágio obrigatório no Parque, sempre me demonstrei interessada e presente para a resolução de problemas e até mesmo de comportamento durante as aulas, apesar do pouco tempo consegui me aproximar da turma, ganhar respeito pelo conhecimento que demonstrei durante as aulas. Em momentos distintos, percebi que dentro do contexto que me inseri fiz meu papel, na medida que pude e me foi aberta a possibilidade, para a evolução e aumento de interesse no esporte. Por primeiro a questão da menina, que apesar de em algum momento não querer participar, por me ver ali dentro da quadra, se sentiu confortável e encorajada a praticar o esporte.

Em segundo, é uma situação que, em várias momentos do estágio, tive a possibilidade de jogar com os meninos (principalmente da turma B, em que a quantidade de alunos não era tão grande, e até a questão de prioridades na vida acaba sendo outra), por mim eu não me importava em jogar com eles, até porque durante a minha experiência como jogadora, em diversos momentos fazíamos amistosos com equipes masculinas adultas, para melhorarmos nossa parte física, mas em nenhum momento o professor deixou, e acredito que mais pontual que isso, nunca me perguntou se eu me sentia a vontade para jogar. Apesar de achar que não necessitava jogar, depois das ações que aconteceram durante as aulas, eu jogaria para fazer com que os meninos entendessem que mulher pode jogar, pode jogar bem e muitas vezes serem melhores que eles, onde isso não vai deixar com que ele seja menos homem, ou perca sua dada masculinidade.

Continuando com essas reflexões que ocorreram no decorrer do estágio, em uma das últimas aulas em que acompanhei, a turma A era a primeira, o professor separou a turma em dois, onde ele faria um determinado exercício com uma parte da turma, e eu faria a mesma atividade na metade da quadra, com a outra parte da turma. Naquele dia o número de alunos estava ímpar, onde no jogo o número de jogadores seria diferente, além disso, a turma que estava com os professores era o grupo principal (dos mais habilidosos) e a turma que estava comigo, basicamente era a turma dos menos habilidosos. Ao começar a atividade, os alunos foram jogando sem muita estratégia de jogo, fui deixando seguir, mas percebi que o professor estava com toda a atenção voltada para a turma dele. Nesse momento, começo a fazer pequenos ajustes, e adaptações no jogo, muito em questão da habilidade técnica ser menor nesse grupo da turma. Ao



perceber que uma das equipes estava em desvantagem numérica e de habilidade, acabei jogando com a equipe que estava perdendo, ao começar a jogar (só realizava ações para que os alunos pudessem experienciar ações de ataque, e auxiliava nas ações de defesa), um aluno que está na equipe adversária, me olha e diz:

Bah profe, se seu soubesse que tu jogava eu tinha te escolhido para o meu time. No momento que ele falou, fiquei feliz nele perceber que não existe problema nenhum de uma mulher poder jogar, isso não quer dizer que ela pode jogar mal. Lembro que essa ação ocorreu, principalmente porque dei um passe de lado a lado da quadra, no pé de um aluno que não recebia muito a bola durante o jogo, esse aluno adversário ficou espantado, pois não imaginava que isso pudesse acontecer ali (Diário de campo 29/08/2023).

Em alguns momentos do meu estágio, percebi que muitas das coisas que estavam sendo passadas na questão técnica e tática, estava um pouco ultrapassada, apesar de não concordar, não foi me dado abertura para conduzir ou realizar alguma atividade em que eu pudesse pensar e montar, para auxiliar o professor e enriquecer mais meu estágio. Mas de certa forma, fizeram com que eu pudesse olhar para dentro da aula fazendo problematizações sobre a mulher dentro destes espaços, mesmo que não discutindo abertamente sobre isso com os alunos, só de eu estar ali auxiliando e apitando os treinos e jogos, acaba sendo uma maneira de inserir e mostrar que a mulher pode, e deve estar inserida nesses espaços. Tenho como pensamento pessoal, e isso acaba influenciando também na questão profissional, de que eu só realizo atividades em que eu tenho domínio, caso apareçam coisas novas, tenho que estar aberta para aprender e entender como a atividade funciona. Escolhi o futsal porque tenho confiança nas minhas capacidades e habilidades nesse esporte, tanto na questão prática, no jogo, quanto na questão técnica e tática, apesar dessa experiência, tenho a ideia que não posso parar de adquirir conhecimento e renová-lo, assim como fazer questionamentos e observações do contexto social dos alunos, e reflexões sobre assuntos que são importantes de serem discutidos.

Ao observar as aulas, em muitos momentos percebia que o professor não conseguia dar uma continuidade na aula, e também nas questões sociais e de convívio. Isso acabava fazendo com que os alunos não respeitassem tanto o professor, e acabavam fazendo as coisas por eles mesmos, sem ter uma pessoa para nortear a questão do jogo, e debater questões de convívio e respeito às diferenças.

No meio do estágio pude acompanhar as duas turmas no campeonato municipal, em ambos os dias eles foram realizados no Parque mesmo, acompanhei primeiro a turma A, onde apesar de maiores e melhores acabaram perdendo, pois começaram a se xingar

e a ficarem nervosos, e deixaram os outros times virarem a partida, no último jogo onde foram melhores e se ajudaram, conseguiram a vitória, mas não tinham mais chances de classificação. E no final de semana seguinte, acompanhei a turma B, onde eles também tinham chances de ganhar, mas ao se distraírem no jogo, acabaram deixando a vitória escapar. Apesar das duas eliminações, durante as partidas, os alunos muita das vezes acabavam pedindo para mim, dicas e ações para fazerem durante o jogo, em especial o goleiro em que instruí durante os treinos. Na turma B, a maioria dos alunos percebeu o quanto eu tinha conhecimento do jogo, e do que estava acontecendo no jogo, porque durante os jogos em que eles realizaram no final de semana, acabei durante o descanso entre os jogos, eu e o professor conversando com a equipe. Nesse momento, eles passaram a entender que eu estava ali para ajudar, e que apesar de ser mulher, tinha o conhecimento necessário.

## **SOBRE O PARQUE**

Sobre a questão da organização e manutenção do Parque, vejo que muitas coisas continuam da mesma forma, onde a associação ajuda a fazer a manutenção do Parque. Apesar dessa ajuda da sociedade, aos poucos os alunos foram percebendo que em alguns pontos se não ficar em cima da Secretaria da Prefeitura, muitas vezes eles não realizam o serviço, ou até mesmo realizam pela metade. Forell (2014), fala da dificuldade de manter um espaço assim, apesar de terem órgãos responsáveis no papel, relata que na prática isso não acontece da mesma forma.

Ao ler o relato de Forell (2014), em um momento ele fala sobre a questão de luz do Parque naquela época, em 2011. Quando estava estagiando, em um determinado dia (08/08/2023, terça-feira), cheguei para realizar o estágio, na hora combinada, ao entrar no ginásio, vejo todas as luzes apagadas, a da secretaria também, quando entro na sala, os servidores, professores e pessoal que trabalham ali estava conversando sobre a falta de luz. A luz tinha caído no dia anterior, eles ligaram para a companhia de energia e informaram que a conta não tinha sido paga, a secretaria pediu uma ligação de emergência, mas essa foi voltar somente na terça-feira, no dia em que fui para o estágio, na parte da tarde, lá pelas 16h. Com toda essa questão, os alunos também tinha sido informados que não teria luz, caso voltasse os professores entrariam em contato, apesar do aviso, em conversa com alguns alunos das diferentes modalidades que ocorrem no

Parque, eles acharam um total descaso. Conversando com uma delas, ela relata o seguinte:

Fiquei chateada em não termos luz, pois pagamos todas as contas de maneira correta, impostos e ainda assim, em alguns momentos eles (a Prefeitura) esquecem de nós. Só porque estamos mais velhos, que estamos aposentados, nós só queremos nosso lazer, por tudo que já contribuimos na sociedade (Diário de campo (08/08/2023)).

Entendo a frustração da aluna, muitas vezes essa é a única atividade de lazer de muitas pessoas que possuem. A falta de organização da Secretaria da Prefeitura, fez com que muitas pessoas que realizam atividades nesse espaço, não tivesse a oportunidade naquele dia em realizar as atividades em que eles tinham. Até porque durante o dia, não tem muito problema, mas na parte da noite, o Parque fechou mais cedo em função da falta de luz. Em muitos momentos presenciei também, a ida para as atividades para ter uma maior socialização, em muitos momentos essas novas amizades acabam indo para além das aulas, para o dia a dia. Outra aluna relata como eram as aulas e a manutenção do Parque.

Antigamente, as aulas eram diferentes, isso vai mudando de cada professor. Mas em questão de manutenção, até mesmo de material, hoje não vemos mais essa preocupação com a reposição do material, então vamos cuidando da melhor forma, em algumas vezes nós mesmo trazemos algum material que sabemos que está em falta e não tem ninguém usando, as pessoas fazem doações. Antes tínhamos sempre a reposição de material, todos os anos, hoje não vemos quase nada. Até na questão da academia, quando a academia do Parque foi construída, eram equipamentos modernos, hoje os equipamentos se mantêm, caso eles estraguem, a demora para o reparo é grande, então a associação já pagou muitas vezes pela mão de obra, para ter um reparo imediato (Diário de campo 01/08/2024).

Essa aluna nos traz muito como a manutenção do Parque foi decaindo, de como antigamente, mais ou menos em 1980, a visão de atividades nos Parques era melhor gerida e priorizada, onde existia a questão do lazer como um retorno para a sociedade daquela região. Em conversa também em momentos do meu estágio, com o professor coordenador (no qual realizei as aulas de ginástica com ele) ele disse que o cuidado com o Parque foi decaindo, e em muitos momentos ele tem que sair da sua aula, para ficar verificando de que maneira o pessoal terceirizado que arruma, limpa o Parque está trabalhando, pois em momentos em que eles não estavam observando o trabalho e explicando onde eles teriam que ir, esse pessoal acabava não realizando totalmente a limpeza/manutenção que deveria ser feita. Ele disse também, que esse tipo de coisa acaba tornando o ambiente dos Parques mais desleixados, feios, podendo assim afastar a comunidade para ficar dentro dos Parques e terem a questão de convívio social

aumentada. Vejo que essas pequenas coisas, se somando vão afastando a comunidade desses Parques, apesar de ter um esforço da comunidade para que se mantenham da melhor forma possível, apesar de muitas vezes não terem muito o que fazer, dependendo da demanda e estrutura e de dinheiro.

\*\*\*

Considero que tive pouco tempo no estágio, contudo, as experiências que presenciei nele, me fizeram refletir e melhorar como pessoa e como professora. Na questão do futsal, vejo que temos muito que evoluir ainda, tanto de forma pessoal, quanto de forma coletiva, aprender a aceitar as escolhas dos outros, mas principalmente da maneira em que os alunos, que ainda estão na fase da criança/adolescência, tem a aprender sobre gênero. Espero, que eles, consigam entender e mudar um pouco dessa visão sobre a mulher no futsal, após minha presença nas aulas. Na questão do gerenciamento do Parque em si, penso que deveríamos ter um olhar diferente, tratar o Parque como algo de retorno para a sociedade em si, fazendo com que durante as aulas eles possam aprender, mas aprender também a aceitar e socializar com o outro, respeitando as diferenças, podendo ser de gênero, classe social, escolaridade, cor e tantas outras. Penso que podemos dar uma continuidade em conhecimento para os professores, pois dessa maneira eles podem ter um conhecimento atual, mas também para saber tratar questões sociais, em que é falado sobre assuntos delicados, mas que para o convívio em um grande grupo, é necessário. Fazendo com que essas vivências e realidades diferentes de cada pessoa/aluno possa existir, trazendo momentos de reflexão e aprendizado de cada um dentro de um mesmo espaço e da sociedade como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tive como objetivo problematizar e discutir sobre a atuação das mulheres dentro de um esporte masculinizado, o futsal, onde dentro dessas vivências falamos sobre questões de gênero, questões de como a sociedade trata mulheres que estão introduzidas dentro do esporte, principalmente quando estas estão em uma posição de autoridade, nesse caso a arbitragem. E de como fatores que consideramos simples, estão inseridos dentro da sociedade, no caso da Educação Física, está inserido desde o período escolar, atitudes como violência, desigualdade, preconceitos e opressão fazem com que haja uma desvalorização da profissional mulher e a mulher como um todo, no qual devemos refletir e debater em grandes grupos, para que diferentes experiências e vivências possam ser compartilhadas entre as pessoas que estão nesse espaço. Devemos também proporcionar espaços inclusivos, para que as pessoas que ali convivem, possam socializar, ter o cuidado e respeito com o próximo. Dentro desses ambientes inclusivos, muito em função de ser um espaço de lazer, devemos realizar reflexões e questões para que os frequentadores das aulas, possam aprender e a refletir sobre ações onde as questões de lazer devam ser instigadas dentro desses espaços, assim como a importância do lazer nos dias de hoje. Assim como também, o espaço em que as atividades ocorrem precisam ter um ambiente bom, com materiais e estruturas em que se consiga dar uma determinada aula, conseguindo incluir quem for necessário, e também se demonstrar aberto a novos conhecimentos que possam surgir. Mas hoje, não vemos essa preocupação dos órgãos responsáveis em manter essas atividades, que são um retorno para a comunidade que mora ao redor do Parque específico, até mesmo porque houve uma diminuição da oferta das atividades e dos lugares em que eram realizadas de um período para cá.

Todos esses fatores ditos acima me levam a pensar que, como sociedade temos muito que evoluir, principalmente em como vemos a mulher em um todo, mas também na questão profissional, em fazer julgamentos pelas questões técnicas, profissionais, e não levar para um lado, em que nem deveria estar em pauta dentro de uma partida ou aula. Que como professores, devemos problematizar questões diárias para além de ensinarmos os esportes, de ensinarmos questões de respeito com as escolhas e desenvolvimento do próximo, questões como essa para que os alunos possam refletir, respeitar e entender o outro. Visto que o que vi durante o estágio, é um reflexo do pensamento da sociedade, não como um todo, mas de pequenas partes.

As situações que ocorreram durante o estágio, me instigaram a pensar de forma diferente, em função de jogar e de ter uma facilidade em me inserir dentro do futsal, dentro desse contexto não foi igual, então tive que parar e refletir quais situações e acontecimentos que ocorriam durante o dia a dia e dentro das aulas, influenciavam e mudava a forma de como os alunos me enxergavam. Situações onde que por mais que eu já tivesse passado, não esperava de forma alguma acontecer novamente, até mesmo porque no ambiente em que vivo, a realidade e a visualização da mulher, já é uma realidade bem diferente da qual presenciei durante o estágio. Esses fatos fizeram com que, eu ampliasse minha visão como professora e árbitra, mudando também minha experiência profissional, onde percebo que nesses lugares devemos refletir e debater sobre assuntos que atravessam e modificam o comportamento dos alunos, e não somente realizar as atividades previstas. De cada vez mais poder lutar e conquistar espaços em que são considerados masculinos, para que mulheres tenham a oportunidade de fazerem o que quiserem.

Por último e não menos importante, de como tudo isso que vivenciei durante o estágio e também durante o período anterior à pandemia, onde já planejava falar sobre as mulheres dentro do futebol/futsal, me impactaram e mudaram minha maneira de ver, profissionalmente e pessoalmente. Anteriormente, eu já tinha a noção da dificuldade de ser mulher dentro de um esporte predominantemente masculino, mas desde que entrei na faculdade, não tinha tido esse problema, pois lá dentro tinha um movimento muito forte das mulheres dentro do futebol/futsal. Mas penso, que apesar de ter que presenciar esse tipo de questão até os dias de hoje, me faz pensar em cada dia, como melhorar as questões de reconhecimento da mulher em lugares em que ela é julgada de forma injusta, e sobre algo em que não é sobre o seu trabalho. Durante a pandemia, tivemos muito o cuidado consigo mesmo e também com as pessoas mais próximas. Dentro desse período, tive a oportunidade de entrar no mercado de trabalho, realizar cursos e aprender novos assuntos em que algumas vezes, pude usar durante o meu auxílio nas aulas, fazendo eu estivesse mais segura da minha capacidade. Tive também a experiência no semestre anterior, de realizar o estágio curricular obrigatório em esporte, onde tive a oportunidade de dar aulas de futsal, dentro de um clube privado de Porto Alegre-RS, para crianças de 4 a 12 anos, dentro desse espaço atuei como uma das estagiárias que mais tinha o domínio das turmas, e de realizar atividades onde que o objetivo principalmente das crianças menores, foi definido pelo clube, em que apesar de ser uma escolinha de futebol/futsal, o objetivo desse espaço, era que os alunos pudessem experimentar

diversas atividades, sem um contexto de escolinha, mais analítico, com movimentações e ações organizadas, mas sim de atividades em que auxiliassem o desenvolvimento da criança como um todo. Durante todo esse período entre o início do TCC e o final, vejo que evolui muito como profissional, sabendo qual é o meu papel e fazendo com que a mulher possa ser vista, dentro de espaços que são considerados masculinos, tendo o conhecimento e podendo realizar reflexões do papel da mulher dentro da sociedade, e também dentro dos esportes. Mas também, tive um ganho muito grande nesse último estágio, pois consegui enxergar de perto, como essas atividades ofertadas pela Prefeitura, fazem com que exista uma interação social muito grande e de formas, para fazer com que haja mais saúde para a sociedade como um todo, tendo ganho também nas questões sociais, me interessando por atividades que antes não tinha como uma possibilidade para minha vida profissional, e ao conversar com as pessoas em que frequentavam o Parque durante o período do meu estágio, do quanto de experiência podemos trocar estando em lugares que possuem um olhar de cuidado com o próximo também, agregou na minha vida pessoal.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. B. DE; FERREIRA, L. H.. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DORNELLES, P. G.; FRAGA, A.; BRANCO FRAGA, A. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. v. 1, n. 1, p. 141–156, 2009.

FERREIRA, Luciana Haddad. **Educação estética e prática docente: exercício de sensibilidade e formação**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2014.

FORELL, L. **Participando na cidade: um estudo etnográfico sobre a participação em políticas públicas de esporte e lazer no Parque Ararigóia em Porto Alegre/RS**. 2014. (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. DOS. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, v. 0, n. 30, p. 28–43, 2008.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 27, 2021.

HARTMANN, A. “HOMENS E MULHERES ERRAM, MAS A GENTE (MULHERES) TEM QUE ERRAR MUITO MENOS”. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA ÁRBITRA CENTRAL DE FUTEBOL PROFISSIONAL MASCULINO. In **Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Fortaleza: Setembro, 2023.

LIMA, M. DAS D. P. S.; MÉLO, R. S.; MACEDO, C. G. Árbitras nordestinas: trajetórias de vida no futsal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, 2022.

MOLINA, R. M. K. A participação cidadã nos marcos das políticas de lazer: implicações e protagonismos. O caso do Projeto Centro de Comunidade, na cidade de Porto Alegre. **Movimento**, v. 10, n. 2, p. 11-37, 2004.

NASCIMENTO, A. S.; LUIZ, M. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência. **Interseções**, v. 16, n. 1, 28 out. 2014.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Narrativas e saberes docentes. **Educ. Rev.**, Jul 2003, no.37, p.213-228.

PISANI, M. DA S. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 2012.



REISDOEFER, D. N.; DO ROSÁRIO LIMA, V. M. A pesquisa narrativa como possibilidade metodológica no âmbito da formação docente. **Revista diálogo educacional**, v. 21, n. 69, p. 795–820, 2021.

SANTOS, H. T. **A democratização do esporte e lazer em Porto Alegre**: um estudo das políticas públicas no período de 1989 a 2000. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

VENTURA, T. S.; HIROTA, V. B. Futebol e salto alto: por que não? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, 2007.